

**CARTA ENCÍCLICA FIDES ET RATIO**  
**DO SUMO PONTÍFICE JOÃO PAULO II**  
**AOS BISPOS DA IGREJA CATÓLICA**  
**SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE FÉ E RAZÃO**

A fé e a razão (fides et ratio) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio (cf. Ex 33, 18; Sal 2726, 8-9; 6362, 2-3; Jo 14, 8; 1 Jo 3, 2).

**RESUMO**

O conteúdo principal da carta é o conhecimento humano. Por um lado, a observação da natureza e do homem e a reflexão sobre estas observações tem levado à aquisição de conhecimentos, pessoais e coletivos, de grande relevância na abordagem de problemas práticos e na compreensão dos processos naturais. Por outro, estes mesmos conhecimentos, não obstante a sua importância, são insuficientes na solução do *problema existencial humano*, para responder as questões do sentido da vida humana. Entretanto, nem todo conhecimento disponível e necessário ao homem é de natureza experimental ou reflexivo, senão que parte nos é *dado* mediante uma *revelação*, cujo assentimento livre recebe o nome de *fé*. Da relação entre os dois âmbitos de conhecimento surgem diversas questões que são abordadas na encíclica: qual o papel da do conhecimento estritamente racional na correta interpretação do conteúdo da revelação? Em que medida a fé auxilia para a reta compreensão do sentido da existência do mundo e do homem, bem como de sua natureza? Historicamente, quais foram as etapas percorridas no encontro e no desencontro entre os dois tipos de conhecimento? Que papel tem a Igreja Católica nesse diálogo?

**1. INTRODUÇÃO: «CONHECE-TE A TI MESMO » 3**

- 1.1. *O problema do conhecimento, por que o homem levanta questões sobre a sua existência?* 3
- 1.2. *Uma vez levantado o problema, as suas possíveis soluções.* 3
- 1.3. *Conceitos fundamentais necessários para entender o pensamento do Papa.* 4
  - 1.3.1. Filosofia 4
  - 1.3.2. O conhecimento de Deus 6
- 1.4. *Opinião da Igreja sobre a Filosofia e motivação da Carta* 8
- 1.5. *Outras considerações* 9

**2. CAPÍTULO II: A REVELAÇÃO DA SABEDORIA DE DEUS 10**

- 2.1. *Jesus, revelador do Pai* 10
  - 2.1.1. (7 e 8) Bases teológicas da reflexão da Igreja sobre a verdade 10
  - 2.1.2. O ato subjetivo de fé 11

- 2.1.3. Algumas considerações sobre o conteúdo específico da Revelação 12
- 2.1.4. O mistério da vida humana 12
- 2.1.5. A razão perante o mistério 13
- 2.1.6. Implicações filosóficas do fato da Revelação 13

### **3. CAPÍTULO III: CREDO UT INTELLEGAM 14**

- 3.1. *Contribuições do antigo testamento no diálogo entre fé e razão 14*
- 3.2. *Encarnação do Verbo, conhecimento humano e sabedoria de Deus. 15*

### **4. CAPÍTULO IV: INTELLEGO UT CREDAM 18**

- 4.1. *Caminhar à procura da verdade 18*
- 4.2. *Os diferentes rostos da verdade do homem 19*

### **5. CAPÍTULO IV: A RELAÇÃO ENTRE A FÉ E A RAZÃO 20**

- 5.1. *As etapas significativas do encontro entre a fé e a razão 20*
- 5.2. *A novidade perene do pensamento de S. Tomás de Aquino 22*
- 5.3. *O drama da separação da fé e da razão 23*

### **6. CAPÍTULO VI: INTERVENÇÕES DO MAGISTÉRIO EM MATÉRIA FILOSÓFICA 25**

- 6.1. *O discernimento do Magistério como diaconia da verdade 25*
- 6.2. *Solicitude da Igreja pela filosofia 27*

### **7. CAPÍTULO VII: INTERACÇÃO DA TEOLOGIA COM A FILOSOFIA 28**

- 7.1. *A ciência da fé e as exigências da razão filosófica 28*
- 7.2. *Perspectivas de desenvolvimento da ciência teológica 28*
- 7.3. *Diferentes estados da filosofia 30*

### **8. CAPÍTULO VIII: EXIGÊNCIAS E TAREFAS ATUAIS 31**

- 8.1. *As exigências irrenunciáveis da palavra de Deus 31*
- 8.2. *Crise de sentido e orientação ética das realidades humanas 31*
- 8.3. *Algumas correntes filosóficas contemporâneas: eclecismo, cientificismo, pragmatismo, historicismo, nihilismo. 32*
- 8.4. *Tarefas atuais da teologia 34*

### **9. CONCLUSÃO 35**

## 1. INTRODUÇÃO: «CONHECE-TE A TI MESMO »

### 1.1. O problema do conhecimento, por que o homem levanta questões sobre a sua existência?

Por causa do *sentimento de perplexidade* do homem diante da vida, da morte, da existência, do mal. Por mais que nos esforcemos em oferecer expostas cabais aos problemas práticos da vida (conseguir U\$, escrever a tese, fugir do trânsito, não estourar o limite do cheque especial etc.) e consigamos efetivamente, outras questões simplesmente não tem resposta se usarmos os mesmos elementos de reflexão dos problemas práticos:

“ Quem sou eu? Donde venho e para onde vou? Porque existe o mal? O que é que existirá depois desta vida?”

E a correta abordagem destas questões, bem como as respostas que um indivíduo chega, são absolutamente decisivas para a sua própria orientação vital e sua felicidade (não enquanto satisfação egoísta de ambições mais ou menos comercializáveis, os vários s: sexo, saúde, status, saldo, satisfação etc.)

### 1.2. Uma vez levantado o problema, as suas possíveis soluções.

Do ponto de vista subjetivo, existem basicamente duas atitudes possíveis:

- **Atitude imanente** (eu sou o fim de mim mesmo): Estou insatisfeito comigo mesmo, a minha vida é um saco. É, o que está faltando é eu pensar um pouco mais em mim mesmo. Já sei, o fim da vida sou eu mesmo, o homem enquanto criatura que tem necessidades físicas, afetivas, intelectuais: vamos satisfazê-las e o resto depois a gente vê.  
Resultados comportamentais e filosóficos visíveis de semelhante atitude: hedonismo, consumismo, marxismo, liberalismo clássico, nazismo, dependendo do aspecto antropológico unilateral focado.
- **Atitude transcendente** (o meu fim está fora de mim): Estou insatisfeito comigo mesmo, a minha vida é um saco. É, o que está faltando é eu pensar um pouco menos em mim mesmo. Será que o fim da vida não está fora de mim? Será que “a felicidade é uma porta que abre para fora?” (Heidegger)? Será que eu não teria que conhecer quem me colocou nesse mundo maluco? E para quê? E os outros, são úteis na medida em que **me** servem, ou eu sou útil na medida em que **os** sirvo?  
Resultado imediato dessa atitude: Por um lado a retidão intelectual acima do sentimento e da vontade imediata. O que interessa é conhecer a verdade e conseguir viver de acordo com ela.

“Dentre os vários recursos para buscar a verdade está a filosofia: procura colocar a questão do sentido da vida e esboçar uma resposta. Interrogar-se por essas questões existenciais é **propriedade natural da razão humana** e as respostas se complementam progressivamente a partir das respostas das diversas culturas. Tanto no oriente como no ocidente, principalmente nos princípios de formulação legislativa, nacional ou internacional”

**Corolário:** atitude religiosa, já que a resposta é apenas esboçada com a razão humana. Tem em conta as variáveis ambientais, mas permeada sempre, na medida do possível, de retidão intelectual e moral subjetiva.

“escritos sagrados de Israel, mas aparecem também nos Vedas e no Avestá; achamo-las tanto nos escritos de Confúcio e Lao-Tze, como na pregação de Tirtankara e de Buda; e assomam ainda quer nos poemas de Homero e nas tragédias de Eurípides e Sófocles, quer nos tratados filosóficos de Platão e Aristóteles.”

### 1.3. Conceitos fundamentais necessários para entender o pensamento do Papa.

**Advertência:** Estas questões podem parecer demasiado teóricas, sem maiores implicações na vida cotidiana. Isso não é verdade, tendo em conta principalmente a condição dos assistentes. Além disso, se os conceitos utilizados não forem definidos com precisão, podemos estar lendo uma coisa e achando que é outra.

#### 1.3.1. Filosofia

Existem basicamente três sentidos para o termo “filosofia” no pensamento do Papa. De qualquer modo, é praticamente um sinônimo de “razão”, mas permeado por uma atitude de “amizade à sabedoria”, e não apenas uma reflexão fria sem maior transcendência.

##### 1.3.1.1. Conhecimento adquirido pelos sentidos, pelo senso comum

“Os conhecimentos fundamentais nascem da maravilha que nele suscita a contemplação da criação: o ser humano enche-se de encanto ao descobrir-se incluído no mundo e relacionado com outros seres semelhantes, com quem partilha o destino. Parte daqui o caminho que o levará, depois, à descoberta de horizontes de conhecimentos sempre novos. Sem tal assombro, o homem tornar-se-ia repetitivo e, pouco a pouco, incapaz de uma existência verdadeiramente pessoal.”

Filosofia do Irmão da Estrada, do Capiau, muitas vezes é rica, elaborada, profundamente verdadeira.

“Pai dele alho, mãe cebola, como pode cheirar bem?”, prov. árabe

“Deus dotou o homem de uma boca e dois ouvidos, para que ouça o dobro do que fala”, idem

“Macaco saltando sob a planície é que não encontrou pau para subir” prov. bantu

É também o conhecimento verdadeiro de coisas práticas do dia a dia: o banco fecha às 16:00, quando chove é bom evitar a marginal, a Telefônica é o fim da picada, em algumas matérias se não estudar toma pau mesmo, em outras não etc etc. Para esses conhecimentos não são necessárias grandes sistematizações formais.

##### 1.3.1.2. Conhecimento metódico

“A capacidade reflexiva própria do intelecto humano permite elaborar, através da atividade filosófica, uma forma de pensamento rigoroso, e assim construir, com coerência lógica entre as afirmações e coesão orgânica dos conteúdos, um conhecimento sistemático.”

Esse é o nosso velho e bom conhecimento científico, nosso ganha pão. Queremos adquirir um conhecimento parcial de um aspecto limitado de algum fenômeno e empregamos um método específico.

O conhecimento científico (natural ou humanístico, que possui também os seus métodos próprios) é capaz de fornecer conhecimentos com alto grau de certeza, desde que suficientemente delimitados. Mas, pela sua própria natureza, não pode ser extrapolado sem grave prejuízo dele mesmo e da verdade.

### 1.3.1.3. Filosofia enquanto disciplina humanística.

Ciência que estuda a realidade enquanto realidade e o seu conhecimento. Possui seus métodos próprios e as suas disciplinas específicas:

Métodos: Análise de linguagem, método dialógico, quaestio disputata, tratado sistemático,

Disciplinas: Metafísica, Lógica (formal e material), teoria do conhecimento, filosofia da natureza, antropologia filosófica, ética, estética etc.

Neste caso, a nota é justamente a abrangência das proposições formuladas, ao contrário das ciências experimentais. Por isso, trata os sujeitos de análise (ente) no que tem em comum (ato de ser e essência). Por exemplo, um cinzeiro de plástico e um pedaço de pedra possuem grande afinidade filosófica, mesmo que o químico não diga o mesmo.

### 1.3.1.4. Outros tipos de conhecimento

1) Palpite, também conhecido como chute.

2) Revelação

Falávamos antes do conhecimento religioso enquanto atitude humana na busca pela verdade. Entretanto, o que distingue o cristão de outra pessoa “religiosamente ativa” não cristã? A fé numa revelação.

Como assim?

Se alguma pessoa vai a uma exposição de quadros, ou lê um romance, existem dois objetos de conhecimento por parte do leitor: a própria obra que está sendo admirada, inicialmente, e o próprio autor da obra. A alma do autor, seus sentimentos, suas impressões, suas convicções, suas angústias, estão expressas na obra.

Contemplando a obra de arte conhecemos a pessoa do autor; através da obra de arte o autor **se revela** a si mesmo. Além disso, muitas vezes a obra de arte nos revela a nós mesmos, na medida em que nos vemos retratados nas personagens (Bentinho do Dom Casmurro, ou o Minguilim de Campo Geral). Caramba, esse cara aí sou eu!

Além disso: muitas das informações de que dispomos nós as adquirimos através do testemunho de outras pessoas, mesmo que não tenhamos comprovado nós mesmos

diretamente. Na ciência isso acontece todo dia, sempre que vemos os “Resultados” de um artigo. Sabemos da existência da Nova Guiné, da ida do homem à lua, da Guerra da Coréia, sem que tenhamos ido lá e verificado *in loco*, senão pelo testemunho de outras pessoas, que presumimos fidedignos.

Quer dizer, podemos conhecer informações que nós não observamos diretamente nem deduzimos a partir dos dados que dispúnhamos, senão que são reveladas por uma outra pessoa. Se este testemunho é **digno de fé**, fidedigno, aceitamos esse testemunho e incorporamos ao nosso patrimônio intelectual.

Podemos falar então de dois tipos de revelação de uma pessoa ou de uma informação:

Mediata: indireta, através das obras, de leitura algo velada, mas universal. Vamos chamar isso de “Revelação Natural”

Imediata: Direta, imediata, verbal, de fácil leitura, mas cujo conhecimento exige o acesso às fontes específicas.

O que particulariza então a fé cristã em relação ao sentimento religioso genérico?

- 1) Suponha que Deus tenha se revelado a si mesmo, a sua natureza íntima, o que ele gosta, o que ele quer, a sua beleza, a sua verdade, a sua grandeza. Simultaneamente, Deus revela informações relevantes sobre a própria natureza do homem, o seu destino, a sua razão de ser, que sozinho o homem não conheceria com certeza.
- 2) Suponha que essa revelação tenha se dado de maneira objetiva e verbal. E que esteja registrada e disponível para que qualquer homem possa lê-la.
- 3) Essa revelação é **razoável**, não repugna a razão. A ultrapassa, é maior que o alcance do conhecimento humano, mas não constitui um agressão à razão natural humana. Por outro lado, sem que essas informações tivessem sido reveladas nós não as conheceríamos em toda extensão e profundidade.
- 4) Existem sinais abundantes de que o conteúdo desta revelação é verdadeiro: santidade (vida dos cristãos), beleza intrínseca da doutrina, milagres etc.
- 5) O conteúdo e a interpretação dessa revelação não está reservada a uma pessoa em particular, mas a um colégio (Colégio Apostólico) que representa uma instituição (A Igreja Católica). Essa instituição possui, por um lado o mandato direto do revelante (Cristo) de guardar o conteúdo da revelação, e por outro dispõe de todos os meios humanos necessários para tal (Magistério).
- 6) Por vontade própria (**livremente**) eu aceito: que Deus se revelou a si mesmo, que esta revelação é fidedigna, que a Igreja Católica a guarda. Isso é o que caracteriza do ponto de vista das idéias um cristão católico. A partir desse ponto, podemos passar a chamar essa **fé** de **Fé**.

Essa revelação específica sobre a natureza de Deus e do Homem, será chamada a partir de agora de “Revelação Sobrenatural”

### 1.3.2. O conhecimento de Deus

Do que falamos até aqui da filosofia, ou conhecimento adquirido por vias exclusivamente racionais, da revelação enquanto forma de conhecimento válida, e da Revelação Sobrenatural, podemos aplicar esses conceitos ao conhecimento de Deus.

### 1.3.2.1. Sentimento religioso

É um sentimento fruto de um conhecimento assistemático da natureza de Deus e da própria natureza. Desejo latente no coração do homem por beleza, verdade e bem que ele não encontra no mundo criado, por mais que bata a cabeça. Muitas vezes esse sentimento é a origem de algumas atitudes éticas fundamentais, ainda que num plano elementar. Dependendo do temperamento de cada pessoa, esse sentimento se manifesta de maneira mais ou menos explícita ou aparatosa. Em alguns casos, pode ser silenciado por uma conduta obstinadamente imoral, ainda que nunca se extingue completamente (Oscar Wilde, O Retrato de Dorian Gray).

No caso do ateu, onde se exclui a própria possibilidade de existência de um ser que transcende o homem (J.P. Sartre, Marx, Gramsci) o sentimento religioso sofre uma pressão tão intensa de um vício chamado “soberba intelectual” que parece totalmente inibido.

Existem também outros tipos de ateísmo, como o **agnosticismo**: Deus pode até existir, mas é impossível conhecê-lo, ou o “**ateísmo prático**”: olha, você me dá licença mas o banco vai fechar e depois eu tenho que entregar um relatório etc. etc. De uma maneira ou de outra, existe sempre uma responsabilidade moral no ateísmo, seja de que tipo for, e proporcional à disponibilidade que a pessoa teve às informações necessárias (Chesterton: “Ninguém nega a Deus se não tiver interesse que ele não exista”).

Esse sentimento é origem muitas vezes, junto com a razão natural humana, das atitudes éticas fundamentais: respeito, sinceridade, valentia, veracidade, generosidade, justiça etc.

### 1.3.2.2. Religiosidade instruída, ou catequese.

É um conhecimento e sentimento religiosos baseados numa exposição sistemática da Revelação Sobrenatural, através do estudo da doutrina cristã ou da catequese. É um conhecimento baseado diretamente na exposição, por parte do Magistério da Igreja, do conteúdo da Revelação Sobrenatural. Qualquer homem com uso da razão, mesmo que de maneira elementar, pode chegar a esse estado.

### 1.3.2.3. Teologia Natural

Consiste numa reflexão sobre o ser de Deus tendo como ponto de partida **apenas e tão somente** a filosofia (enquanto disciplina humanística), sem utilizar dados da Revelação Sobrenatural. A partir da observação da natureza (que contém a revelação natural de Deus), da sua sistematização e dos chamados primeiros princípios

“princípios de não-contradição, finalidade, causalidade, e ainda na concepção da pessoa como sujeito livre e inteligente, e na sua capacidade de conhecer Deus, a verdade, o bem”

é levada a cabo uma reflexão rigorosa, da qual se inferem algumas notas ou características do ser de Deus (existência, onipotência, onisciência, imensidade). Os principais filósofos que se dedicaram a isso foram Aristóteles (sec. IV a.c.), Sto. Tomás e Sto. Anselmo). Cinco vias e argumento ontológico. Recentemente, entre os principais filósofos que se dedicam a isso, estão vários representantes da filosofia analítica (p. ex. Elizabeth Anscomb).

#### 1.3.2.4. Teologia

A teologia propriamente dita, ou ciência teológica, consiste numa reflexão sobre os dados da Revelação sobrenatural, realizado de maneira sistemática, utilizando o mesmo método da ciência filosófica, ou de outras ciências humanas. Pode ser uma reflexão sobre o próprio ser de Deus e seus atributos (teologia especulativa), sobre o homem, tendo em conta os dados da revelação que lhe dizem respeito (antropologia teológica), ou sobre as fontes que contêm a revelação (exegese bíblica, eclesiologia, história sagrada, direito canônico). Pode ser também uma reflexão de natureza ética, baseando-se também na Revelação (teologia moral). Os métodos empregados são variáveis: paleografia, filologia, historiografia, fenomenologia, etc.

#### 1.4. Opinião da Igreja sobre a Filosofia e motivação da Carta

Como a igreja encara então o problema? Filosofia como

- “caminho para conhecer verdades fundamentais relativas à existência do homem”
- “ajuda indispensável para aprofundar a compreensão da fé e comunicar a verdade do Evangelho”

Daí, a motivação da carta:

- Papa aponta méritos da filosofia moderna: concentrou sua ação sobre o homem, e foi capaz de construir sistemas de pensamento complexos, com frutos importantes o progresso da cultura e da história “A antropologia, a lógica, as ciências da natureza, a história, a lingüística, de algum modo todo o universo do saber foi abarcado.”

- O **problema**: a razão ocupada em investigar de maneira parcial o homem como objeto formal “parece ter-se esquecido de que este é sempre chamado a voltar-se também para uma realidade que o transcende.”

- A **conseqüência**: sem referência a essa realidade transcendente, as ações ficam condicionadas apenas pelo livre-arbítrio (relativismo ético) e a condição pessoal do homem avaliada com critérios pragmáticos (conseqüência do relativismo ontológico com relação à antropologia); Ditadura da técnica, da prescrição.

“Foi assim que a razão, sob o peso de tanto saber, em vez de exprimir melhor a tensão para a verdade, curvou-se sobre si mesma, tornando-se incapaz, com o passar do tempo, de levantar o olhar para o alto e de ousar atingir a verdade do ser.”

- uma espécie de auto-devoração da razão.

- O homem passa a preocupar-se com aspectos metodológicos ou operacionais do conhecimento (desde as filosofias críticas: Ockam, Descartes, Hume, Kant, neopositivistas, pós-modernos como Popper):

“ A filosofia moderna, esquecendo-se de orientar a sua pesquisa para o ser, concentrou a própria investigação sobre o conhecimento humano. Em vez de se apoiar sobre a capacidade que o homem tem de conhecer a verdade, preferiu sublinhar as suas limitações e condicionalismos. ”

- Filosofias críticas derivadas do nominalismo/positivismo

“A legítima pluralidade de posições cedeu o lugar a um pluralismo indefinido, fundado no pressuposto de que todas as posições são equivalentes”

A primeira é razoável, dada a complexidade do real que admite múltiplas leituras. Mas cada posição tem sua força assertiva própria, e deve ser inquirida com relação à universalidade dos seus princípios e conclusões.

“enquanto, por um lado, a razão filosófica conseguiu avançar pela estrada que a torna cada vez mais atenta à existência humana e às suas formas de expressão, por outro tende a desenvolver considerações existenciais, hermenêuticas ou lingüísticas, que prescindem da questão radical relativa à verdade da vida pessoal, do ser e de Deus.  
- Estuda-se muito, pensa-se muito mais não chega em conclusão nenhuma

- “Where is wisdom we have lost in knowledge” T.S. Eliot, Chorus from the Rock, I

**Conseqüências sociais do quadro filosófico:** “Como conseqüência, despontaram, não só em alguns filósofos mas no homem contemporâneo em geral, atitudes de desconfiança generalizada quanto aos grandes recursos cognoscitivos do ser humano.”

- É o que muitas vezes faz o homem da rua, o cidadão comum: uma opção preferencial pela ignorância, possuindo eventualmente acesso ao conhecimento: em grande medida, essa atitude é conseqüência do idealismo/positivismo. Os problemas fundamentais da vida não alcançam solução a partir dessa abordagem corrente, e são objeto apenas de sentimentos.

- A medicina não cura, os aviões caem. Uma hora tal coisa está na moda, outra hora outra coisa. O Ratinho, o Fantástico. O FH e o pacote. Nem o Real (R\$) é real mais, parece uma farsa.

“Com falsa modéstia, contentam-se de verdades parciais e provisórias, deixando de tentar pôr as perguntas radicais sobre o sentido e o fundamento último da vida humana, pessoal e social.”

- Verdade, que verdade? Cada um tem sua.

- O que vale é a emoção. Assim sabe, se sentir bem, tá (tá ligado)?

“Em suma, esmoreceu a esperança de se poder receber da filosofia respostas definitivas a tais questões.”

- Estudar? Prá que? Dá para ganhar grana fazendo outras coisas... Vou herdar a empresa do meu pai..... O Michel Jordan ganha não sei quanto.....

- Para que o “amor à filosofia”. Vamos ao “amor à grana” ou ao “amor livre”, esses sim **reais**.

- por que afinal de contas o homem quer coisas **reais**. Se a sabedoria não é, esqueçamo-la.

## 1.5. Outras considerações

Remetente da Carta: A Igreja, depositária da revelação de Jesus Cristo

Objetivo: Reafirmar a necessidade de reflexão sobre a verdade, “a fim de que todo aquele que tiver no coração o amor por ela possa tomar a estrada certa para a alcançar, e nela encontrar repouso para a sua fadiga e também satisfação espiritual.”

(dimensão pastoral)

Destinatários: Bispos, com quem o papa partilha a missão de anunciar « abertamente a verdade » (2 Cor 4, 2), aos filósofos (podemos incluir de certo modo a comunidade acadêmica como um todo) e teólogos, a quem compete a busca da verdade como *profissão*, e ainda a quantos andam à procura duma resposta (do que é a verdade e qual é a verdade).

Tendo como pontos de partida:

- A razão natural e a capacidade humana de apreender os fenômenos naturais/sociais/humanos.
- A fé, cuja veracidade é uma base para a possibilidade racional da verdade: “Reafirmando a verdade da fé, podemos restituir ao homem de hoje uma genuína confiança nas suas capacidades cognitivas e oferecer à filosofia um estímulo para poder recuperar e promover a sua plena dignidade.”

Outros motivos:

- Conforme apontado na Veritatis Splendor, estabelecer bases cognitivas para afirmar « algumas verdades fundamentais da doutrina católica que, no contexto atual, correm o risco de serem deformadas ou negadas ». (4)
- algumas pessoas da própria Igreja Católica têm dito muita besteira sobre moral, e por isso mesmo o Papa escreveu a Veritatis Splendor; de certo modo, a presente carta seria uma base de pensamento para aquela.

- Fornecer pontos de referência autênticos para os jovens  
“A necessidade de um alicerce sobre o qual construir a existência pessoal e social faz-se sentir de maneira premente, principalmente quando se é obrigado a constatar o caráter fragmentário de propostas que elevam o efêmero ao nível de valor, iludindo assim a possibilidade de se alcançar o verdadeiro sentido da existência. Deste modo, muitos arrastam a sua vida quase até à borda do precipício, sem saber o que os espera.” O fim do efêmero, o sentido que ele aponta é o nada,

- Chegando mesmo a denunciar a injustiça que habitualmente se comete, e que ninguém denuncia, e que nos atinge diretamente a nós: “Isto depende também do fato de, às vezes, quem era chamado por vocação a exprimir em formas culturais o fruto da sua reflexão, ter desviado o olhar da verdade, preferindo o sucesso imediato ao esforço duma paciente investigação sobre aquilo que merece ser vivido”. Decadência da ciência em função do sucesso (CNPq, FHC)

- Recuperar a vocação originária da filosofia: “ formar o pensamento e a cultura através do apelo perene à busca da verdade”

## **2. CAPÍTULO II: A REVELAÇÃO DA SABEDORIA DE DEUS**

Neste capítulo o Papa procura assentar as bases teológicas do fato da Revelação

### **2.1. Jesus, revelador do Pai**

#### **2.1.1. (7 e 8) Bases teológicas da reflexão da Igreja sobre a verdade**

- Consciência de ser depositária de uma mensagem cuja origem é o próprio Deus, a partir de sua iniciativa gratuita de vir ao encontro da humanidade para a salvar, de querer dar-Se a conhecer.

-Magistério: Dei Filius do Concílio Vaticano I, Concílio de Trento, constituição Dei Verbum do Vaticano II: “além do conhecimento da razão humana, por sua natureza, capaz de chegar ao Criador, existe um conhecimento que é peculiar da fé. Este conhecimento exprime uma verdade que se funda precisamente no fato de Deus que Se revela, e é uma verdade certíssima porque Deus não Se engana nem quer enganar. (6)”

**obss:** o fato de que Deus se revela é passível de um juízo de credibilidade rigoroso. Se se revela, não se engana.

9 e 10)Do que foi exposto: que o conhecimento natural da razão e o da fé na revelação são verdadeiros, não existe confusão entre fé e razão, nem uma torna a outra supérflua:

« Existem duas ordens de conhecimento, diversas não apenas pelo seu **princípio**, mas também pelo **objeto**. Pelo seu **princípio**, porque, se num conhecemos pela razão natural, no outro fazêmo-lo por meio da fé divina; pelo objeto, porque, além das verdades que a razão natural pode compreender, é-nos proposto ver os mistérios escondidos em Deus, que só podem ser conhecidos se nos forem revelados do Alto ». (7)

**Conhecimento filosófico** (e as ciências): “este assenta sobre a percepção dos sentidos, sobre a experiência, e move-se apenas com a luz do intelecto” (e se assenta apenas nisso. Não existe mágica; segundo muitos autores, o cristianismo foi a base para o desenvolvimento da ciência no ocidente)

**Fé:** se fundamenta no testemunho de Deus e conta com a ajuda sobrenatural da graça. Jesus Cristo - com suas palavras e obras - é simultaneamente mediador e plenitude de toda revelação: “ Deus invisível (cf. Col 1, 15; 1 Tim 1, 17), na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14-15) e convive com eles (cf. Bar 3, 38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta **economia da Revelação** realiza-se por meio de **ações e palavras** intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido”.

### 2.1.2. O ato subjetivo de fé

O Papa se refere acima sobre a fé enquanto informação revelada e crida por alguém (fé objetiva). Mas a fé tem também uma importante dimensão subjetiva: uma vez que essas informações se apresenta ao possível crente, uma série de juízos são normalmente formulados<sup>1</sup>, chegado propriamente ao **ato de fé**.

<sup>1</sup> Num processo de conversão, Dificilmente esses juízos são formulados de maneira explícita, e muitas vezes nem mesmo formulados (p.ex. André Frossard, São Paulo, Manuel García Moriente, etc.). Além disso, na grande maioria dos casos no Brasil, a fé cristã é já herdada do próprio meio cultural; dificilmente nesses casos são levados a cabo juízos mais ou menos rigorosos. Entretanto, quando os há, em muitos casos não se encontram respostas satisfatórias, e o processo passa a ser de *desconversão*, a um ateísmo prático (católico não praticante). Em outros casos, quando a capacidade de juízo crítico é menos elaborada, muitos se filiam a uma confissão cristã de estilo pentecostal.

- a) Assentimento de fé na revelação natural: existência e cognoscibilidade de Deus, homem chamado a uma realidade que se desenrola no mundo mas que ao mesmo tempo o transcende.
- b) Juízo de credibilidade: do ponto de vista intelectual o homem infere que o conteúdo da Revelação Sobrenatural possui credibilidade, baseado nos **critérios de credibilidade**: coerência intrínseca da doutrina, vida dos santos, rigor intelectual da reflexão teológica, preservação da doutrina apesar de todos os percalços históricos da Igreja, contemplação da vida de Cristo etc.
- c) Juízo de Credentidade: **Eu** devo, por retidão intelectual, crer nesse conteúdo e viver coerentemente com ele.
- d) Ato de fé propriamente dito ou conversão,

11) Essa revelação conta ainda com a **história** (que pode ser entendida como o nosso contexto cotidiano) “de tal modo que a verdade revelada possa exprimir em plenitude os seus conteúdos, graças à ação incessante do Espírito Santo (cf. Jo 16, 13)”: A Igreja se realiza no tempo, e a nossa interação com o conteúdo da revelação também. A santidade, plenitude da vida cristã, é ir descobrindo em cada momento o que Deus quer para nós, *in novitate sensus*; agora Deus quer isso, depois aquilo etc.

#### **Obs.: sobre o momento histórico da Revelação**

Onde e como e quando se deu o processo da Revelação sobrenatural:

Essencialmente em dois contextos definidos e diversos

- Povo Judeu, nos anos em que estava sendo redigido o Antigo Testamento e vigorava a Lei Mosaica.
- Durante a vida de Jesus Cristo e dos seu apóstolos, enquanto se redigia o Novo Testamento e se formava a Tradição Apostólica e a Igreja. A partir desse momento a Revelação Sobrenatural **se encerra**, o conteúdo da Revelação passa a ser transmitido pela Igreja, e as graças de Deus necessárias para a salvação (consecução efetiva do fim transcendente) são administradas através dos sete sacramentos.

### **2.1.3. Algumas considerações sobre o conteúdo específico da Revelação**

Uma vez delineado o conceito de Revelação Sobrenatural, é necessário explicitar alguns aspectos do seu conteúdo, utilizados pelo Papa daqui para diante. Uma divisão tentativa de dois grandes campos de incidência da revelação poderia ser: a natureza de Deus e a natureza do homem.

#### **Natureza de Deus**

Deus mostra a sua intimidade aos homens: sua natureza trinitária.

#### **Natureza do homem**

Deus confirma diversas notas sobre a natureza do homem já conhecidas, ainda que difusamente: os mandamentos, a procura da justiça como única possibilidade de felicidade, responsabilidade moral dos atos humanos nessa e/ou na outra vida, a filiação divina, importância da família e do ordenamento civil, etc.

### **2.1.4. O mistério da vida humana**

- Jesus Cristo é de fato a apoteose da revelação, algo absolutamente inaudito, impossível de ser concebido e mesmo abarcado pela mente humana: “A encarnação do Filho de Deus permite ver realizada uma síntese definitiva que a mente humana, por si mesma, nem sequer poderia imaginar: o Eterno entra no tempo, o Tudo

esconde-se no fragmento, Deus assume o rosto do homem”. Como pode o infinito caber no finito?

- O papa então une a questão da encarnação do Verbo com o problema do sentido da vida humana, afirmando que **o mistério da existência humana só se esclarece à luz do mistério de Cristo:**” « Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente », afirma a constituição Gaudium et spes. (12) Fora desta perspectiva, o mistério da existência pessoal permanece um enigma insolúvel. Onde poderia o homem procurar resposta para questões tão dramáticas como a dor, o sofrimento do inocente e a morte, a não ser na luz que dimana do mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo?

(Limite físico da compreensão racional da vida humana só é transposto pela contemplação do Verbo encarnado)

- Na missa, existe uma parte que diz: por Cristo, com Cristo, em Cristo: se não for por Ele, a nossa vida é um disparate. Onde encontramos, por exemplo, resposta ao enigma da dor? Na Sabedoria, no Verbo de Deus encarnado.

### 2.1.5. A razão perante o mistério

- Entretanto, **a luz que emite a revelação é muito forte**, daí (e não devido à sua obscuridade) o caráter **parcial e limitado** do nosso conhecimento de Deus.

- Tenha-se em conta ainda quem é Deus e quem somos nós..... Daí que a primeira atitude com relação a Deus que se revela é uma verdadeira atitude de obediência à fé (nem poderia ser diferente). Entretanto essa **obediência de faz de maneira completamente livre** (e isso é paradoxal, na medida em que quanto maior o poder de alguém maior sua capacidade coercitiva). E essa opção livre **estende-se também ao âmbito da ação prática**, implicando numa tomada de atitude existencial do ponto de vista **ético**.

- E a profundidade do mistério atinge seu clímax na eucaristia:

S. Tomás: « nada vês nem compreendes, mas afirma-o a fé mais viva, para além das leis da Terra. Sob espécies diferentes, que não passam de sinais, é que está o dom de Deus ». (16)

Pascal: « Como Jesus Cristo passou despercebido no meio dos homens, assim a sua verdade permanece, entre as opiniões comuns, sem diferença exterior. O mesmo se dá com a Eucaristia relativamente ao pão comum ». (17)

- Em resumo, o conhecimento que traz a fé não anula o mistério; posiciona-o com relação à sua relevância, mostra que penetrar no mistério é algo essencial - à sua importância existencial - com relação à vida do homem.

### 2.1.6. Implicações filosóficas do fato da Revelação

14) Por um lado, constitui um ponto de referência fundamental na história do homem e de cada homem não prescindível, se quiser chegar a compreender o mistério da sua existência.

(verdade necessária para compreender as coisas mais necessárias da vida humana)

- Por outro, a revelação aponta para o mistério de Deus que não dá para abarcar;

- Assim, o que acontece?: abre-se um impressionante panorama para o saber filosófico, que procurará “nunca mais se deter; antes, impele-a (a mente do homem) a ampliar continuamente os espaços do próprio conhecimento até sentir que realizou tudo o que estava ao seu alcance, sem nada descurar.”  
(ao contrário do que algumas pessoas podem achar, que a fé leva à inatividade intelectual, por que explicaria tudo)

15) O papa finaliza esse capítulo com uma contundente afirmação da necessidade estrita do homem acolher a revelação como “estrela de orientação” para a vida e para o pensamento.

- Muitas vezes, precisamos adquirir uma verdadeira "visão sobrenatural" dos fatos para interpretá-los corretamente e dar soluções acertadas para os problemas.

“A revelação cristã é a verdadeira estrela de orientação para o homem, que avança por entre os condicionalismos da mentalidade imanentista e os reducionismos duma lógica tecnocrática; é a última possibilidade oferecida por Deus, para reencontrar em plenitude aquele projeto primordial de amor que teve início com a criação. Ao homem ansioso de conhecer a verdade — se ainda é capaz de ver para além de si mesmo e levantar os olhos acima dos seus próprios projetos — é-lhe concedida a possibilidade de recuperar a genuína relação com a sua vida, seguindo a estrada da verdade.”

- podendo assim chegar ao fim último da sua existência pessoal: “a alegria plena e duradoura da contemplação do Deus Uno e Trino.”: oração é a fonte de alegria para o cristão.

### **3. CAPÍTULO III: CREDO UT INTELLEGAM (creio para entender)**

Este capítulo trata da necessidade (principalmente enquanto não-exclusão prévia) da fé para entender as realidades da natureza e do homem. O método de demonstração teológico empregado é a exegese bíblica. A conclusão é que a razão leva ao conhecimento das coisas, enquanto a fé mostra o seu sentido.

#### **3.1. Contribuições do antigo testamento no diálogo entre fé e razão**

##### **1º Aspecto: unidade entre fé e razão**

16) O papa analisa, com relação aos livros sapienciais bíblicos (Sabedoria, Provérbios), qual é sua contribuição própria na relação fé/razão: que existe uma unidade profunda (até agora falamos da alteridade, mas existe também uma unidade) entre fé e razão, já que as realidades do mundo e da história podem e devem ser julgadas à luz da razão natural, mas sem excluir de antemão dados da fé sem os quais sua obscuridade é muito mais profunda:

“« A mente do homem dispõe o seu caminho, mas é o Senhor quem dirige os seus passos » (Pr 16, 9). É como se dissesse que o homem, pela luz da razão, pode reconhecer a sua estrada, mas percorrê-la de maneira decidida, sem obstáculos e até ao fim, ele só o consegue se, de ânimo reto, integrar a sua pesquisa no horizonte da fé.”

17) (O próprio de Deus é o mistério; do homem investigá-lo)

18) O que se pode apreender da reflexão do povo de Israel com relação ao conhecimento é a necessidade de se respeitarem algumas regras,

## **2º Aspecto: regras do conhecimento sensato no âmbito do mistério da vida humana**

**A primeira regra (constância)** é ter em conta que o conhecimento do homem é um caminho que não permite descanso;

**A segunda (humildade de saber quem somos nós)** nasce da consciência de que não se pode percorrer tal caminho com o orgulho de quem pensa que tudo seja fruto de conquista pessoal;

**A terceira regra (humildade de saber quem é Deus)** funda-se no « temor de Deus », de quem a razão deve reconhecer tanto a transcendência soberana (Deus está fora do mundo: grana não é Deus, estado não é Deus, sociedade não é Deus, ciência não é Deus) como o amor solícito no governo do mundo (Deus não está de mãos atadas, apesar de respeitar a natureza que Ele criou, "as suas próprias leis").

- sem as quais torna-se o homem *insensato* (no sentido bíblico da palavra, até chegar no *Deus não existe*: conhece muita coisa e não consegue fixar o olhar nas coisas essenciais ('Where is wisdom we have lost in knowledge').

(Soberba intelectual: falta da sabedoria que muitas vezes têm os humildes)

19) Outra contribuição bíblica importante é afirmar que Deus se dá a conhecer através da natureza (o que falávamos antes sobre a revelação natural):

“ com a sua inteligência, é capaz de « conhecer a constituição do universo e a força dos elementos (...), o ciclo dos anos e a posição dos astros, a natureza dos animais mansos e os instintos dos animais ferozes » (Sab 7, 17.19-20)”

“« Pela grandeza e beleza das criaturas, pode-se, por analogia, chegar ao conhecimento do seu Autor » (Sab 13, 5)”

- E o papa faz então uma afirmação forte e muito séria: “ Se o homem, com a sua inteligência, não chega a reconhecer Deus como criador de tudo, isso fica-se a dever não tanto à falta de um meio adequado, como sobretudo ao obstáculo interposto pela sua vontade livre e pelo seu pecado.”

- e isso se aplica a todos (dimensão moral do ateísmo); a leitura que se pode fazer da revelação natural é universal.

- Em síntese: a razão faz conhecer as coisas e a si mesmo, e a fé dá o sentido delas e da própria existência.

21 e 22) O papa apresenta textos da S. Escritura que abordam a capacidade humana para o conhecimento do Criador e das essências, a capacidade metafísica do homem. Aborda a questão da perda do discernimento do bem e do mal por ocasião do pecado original (enquanto conhecimento da sua condição criatural, em certo sentido). A fraqueza da razão só é remediada com a encarnação do Verbo (Sabedoria, Logos).

- Mas é um conhecimento muitíssimo próprio da fé, um *wisdom* que ultrapassa todo conhecimento racional (*knowledge*)

### **3.2. Encarnação do Verbo, conhecimento humano e sabedoria de Deus.**

Este é talvez o item mais teologicamente elevado de toda a encíclica. O Papa chega ao núcleo dos dois grandes mistérios da vida humana: o mistério da iniquidade e o mistério da Cruz. Sem uma compreensão adequada destas realidades, na medida do possível, a realidade do pecado e a obra da redenção operada por Cristo não passam de loucura e escândalo. Entretanto, a existência patente do pecado na vida humana e

na sociedade, assim como do sofrimento, da Cruz, exigem uma explicação que lhes dê sentido. E tal explicação a “razão pura”, “razão não-iluminada pela fé” nada tem a dizer.

**Em primeiro lugar, é necessário entender o conceito de pecado, cujo estudo é objeto da teologia moral.**

- A noção mais ou menos tradicional de pecado consiste numa “transgressão a uma lei divina de natureza moral”; esta definição não está incorreta, mas consiste apenas num aspecto, por assim dizer, secundário do pecado. Enquanto definição, é pobre, parcial e introduz confusão na cabeça das pessoas. Com semelhante conceito de pecado, a única imagem que é possível fazer de Deus é de um severo legislador, como um guarda de trânsito que fica esperando que cometamos um infração para nos multar.

- Infelizmente, essa é noção de pecado que foi ensinada à maior parte dos cristãos. Alguns conseguem engolir e levam uma vida cristã mais ou menos sadia; outros porém não a assimilam, e apresentam uma visão negativa, policial, obscura da religião.

- Dessa apreciação incorreta surgem normalmente duas atitudes: uma espécie de “síndrome de suspeição religiosa”, onde prevalecem a culpa e o medo, ou a chutação de balde pura e simples por que a pessoa acha que isso é coisa de maluco.

- Entretanto, nem de longe é essa a apreciação mais realista do que representa realmente o pecado, de acordo com a moderna teologia moral:

“o pecado é a negação direta da própria perfeição pessoal, que consiste na capacidade de amar a Deus e aos demais<sup>2</sup>”

“o pecado é um ato necessariamente frustrante, por que por que se opõe ao bem próprio do homem: doar-se por amor”<sup>3</sup>

“o pecado não é apenas a infração da lei, mas uma verdadeira ofensa feita a Deus”<sup>4</sup>

- Isso quer dizer: o pecado não é uma transgressão do que quer que seja, mas um ato pelo qual nós negamos o nosso amor a quem nos ama, no caso Deus.

- Deus nos tirou do nada, nos conserva no ser, nos deu uma infinidade de dons, de facilidades, de condições de desenvolvimento; Deus nos dá a natureza para contemplarmos, as pessoas para nos relacionarmos, a cabeça para entender o mundo, braços e pernas para transformarmos a realidade. E o que damos a Deus em troca?

- Muitas vezes, gratidão, quando estamos abertos ao conhecimento e ao amor de Deus (que sempre implicam num compromisso e numa conversão). Quando rezamos, quando lutamos para fazer o bem.

- Mas muitas vezes, todos os dias, todos nós, conscientemente ou não, somos profundamente ingratos com Deus. Estamos pouco nos lichando para Ele, para o que ele tem a nos dizer, para lutarmos contra o nosso egoísmo, contra a nossa passividade, contra a nossa preguiça em conhecê-lo. E isso o mais santo dos homens (a diferença é que quanto maior a santidade, maior a sensibilidade em perceber as

<sup>2</sup> Ramón Garcia de Haro, La Vita Cristiana. Corso de teologia morale fondamentale, Edizioni Ares, 1995.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Ibidem.

ofensas que comete e como Deus se ressentido, para dizer de alguma forma, apesar de que no fundo no fundo o pecado é um mistério).

- Além disso, o pecado é também “a negação direta da própria perfeição pessoal”; isso se entende tendo em conta como se dá o processo de auto-aperfeiçoamento do homem: quando um homem comete um ato bom isolado, pouca coisa muda na sua maneira de ser: o sujeito pode ser um salafário, mas faz **um** ato de caridade e continua sendo **praticamente** o mesmo salafário. Entretanto, se os atos bons se repetem com constância e por longo tempo, ficam finalmente facilitados, tornando-se uma **virtude**. Ex. laboriosidade, fidelidade, responsabilidade etc.

- Quando porém comentemos um ato mau – um pecado - seja por ação ou omissão, ou crescemos num **vício** (ex. roubo, mentira, desprezo pelo outros, preguiça) ou atrasamos a aquisição de uma virtude, com que por sua vez Deus contava. Isso por que nos ama e quer a nossa felicidade, que não conseguiremos se a construirmos sobre o próprio egoísmo.

### **E de redenção, do mistério pascal de Cristo**

- Dada a existência do pecado, de acordo com o conceito exposto acima, resta saber qual a atitude de Deus diante dele.

- Essencialmente de perdão, é o que nos diz a Revelação (p. ex. parábola do filho pródigo).
- Entretanto, esse perdão se dá de maneira específica, que é com respeito da justiça.
- Quando comentemos uma injustiça contra alguém, a restituição da justiça implica em que reparemos o dano causado. Entretanto, a ofensa (ou injustiça de termos pecado, o que, insisto, é uma realidade) implica num grau de reparação incompatível com as nossas capacidades humanas (os sacrifícios da lei judaica nada mais são que uma quebrada de galho de algo essencialmente impossível).
- Qual é portanto o papel de Jesus Cristo nesse processo? Sendo um indivíduo que é ao mesmo tempo homem e Deus era capaz, como homem (e representando todo o homem) de reparar ofensas cometidas a Deus, pela sua condição divina.
- Então, se falamos naquele primeiro aspecto da figura de Cristo que é a plenitude da revelação de Deus, devemos incluir também este outro, de protagonista da obra da redenção.
- E veremos a seguir como o aspecto redentor da missão de Cristo é também o mais elevado com relação à própria revelação.

- A morte de Cristo na Cruz possui um valor não apenas satisfatório, de pagamento de uma dívida, de aquisição de méritos diante de Deus. A Encarnação e a Redenção são, inclusive, remédio para a radical ignorância do homem a respeito destes grandes mistérios da sua vida, que falamos antes, e de outros: o sofrimento, o pecado, a morte, mas também o amor, a verdade, o bem.

- Contraposição entre a Sabedoria de Deus revelada em Cristo e a sabedoria do homem: “O Filho de Deus crucificado é o acontecimento histórico contra o qual se desfaz toda a tentativa da mente para construir, sobre razões puramente humanas, uma justificação suficiente do sentido da existência. O verdadeiro ponto nodal, que desafia qualquer filosofia, é a morte de Jesus Cristo na cruz.”

- A sabedoria da Cruz: o grande desafio à razão humana, é o grande paradoxo: “Aqui, de fato, qualquer tentativa de reduzir o plano salvífico do Pai a mera lógica humana

está destinada à falência. « Onde está o sábio? Onde está o erudito? Onde está o investigador deste século? Porventura, Deus não considerou louca a sabedoria deste mundo? » (1 Cor 1, 20) “

“ Para aquilo que Deus quer realizar, não basta a simples sabedoria do homem sábio, requer-se um passo decisivo que leve ao acolhimento duma novidade radical: « O que é louco segundo o mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios (...). O que é vil e desprezível no mundo, é que Deus escolheu, como também aquelas coisas que nada são, para destruir as que são » (1 Cor 1, 27-28)

- Esse é o grande encontro das águas (Negro e Solimões) entre fé e razão : “A relação entre a fé e a filosofia encontra, na pregação de Cristo crucificado e ressuscitado, o escolho contra o qual pode naufragar, mas também para além do qual pode desembocar no oceano ilimitado da verdade. Aqui é evidente a fronteira entre a razão e a fé, mas torna-se claro também o espaço onde as duas se podem encontrar.”

#### 4. CAPÍTULO IV: INTELLEGO UT CREDAM

##### 4.1. Caminhar à procura da verdade: todo o homem procura a verdade

24) (Comenta o discurso de São Paulo aos atenienses, narrado nos Atos dos Apóstolos) Afirma a capacidade da razão humana (e o desejo latente), por assim dizer intrínseca, de superar o contingente para se estender até o infinito. A cultura (artes, literatura, etc) exprimiu essa procura pela verdade de muitos modos, mas a filosofia sistematizou esse desejo universal.

25) « Todos os homens desejam saber », (23), e a ciência é fruto desse desejo, o que leva ao progresso da humanidade.

- No âmbito prático, esse desejo deve ser acolhido: a procura da verdade a respeito do bem que se deve realizar. Essa é uma grave responsabilidade, e os valores escolhidos devem ser verdadeiros, de maneira que levem ao aperfeiçoamento da pessoa (virtude).

« Não há moral sem liberdade (...). Se existe o direito de ser respeitado no próprio caminho em busca da verdade, há ainda antes a obrigação moral grave para cada um de procurar a verdade e de aderir a ela, uma vez conhecida ». (25)

26 e 27) "Ao princípio, a verdade apresenta-se ao homem sob forma interrogativa: A vida tem um sentido? Para onde se dirige? À primeira vista, a existência pessoal poderia aparecer radicalmente sem sentido."

"Não é preciso recorrer aos filósofos do absurdo, nem às perguntas provocatórias que se encontram no livro de Job para duvidar do sentido da vida. A experiência quotidiana do sofrimento, pessoal e alheio, e a observação de muitos factos, que à luz da razão se revelam inexplicáveis, bastam para tornar iniludível um problema tão dramático como é a questão do sentido da vida. (26) A isto se deve acrescentar que a primeira verdade absolutamente certa da nossa existência, para além do facto de existirmos, é a inevitabilidade da morte."

“Perante um dado tão desconcertante como este, impõe-se a busca de uma resposta exhaustiva”. Diante da necessidade de uma explicação da morte (absolutamente verdadeira), o homem não se contenta mais com hipóteses, mas deseja saber a verdade mesmo, no duro, na batata, universal e absoluta.

#### 4.2. Os diferentes rostos da verdade do homem

28) Nem sempre a procura da verdade se desenrola com coerência e clareza de raciocínio, seja por causa das limitações naturais da razão, a inconstância do coração ou “Outros interesses de vária ordem”. Ou mesmo procura o homem evitá-la quando teme as suas exigências. Entretanto, uma vida construída na dúvida, incerteza ou na mentira é angustiante.

29) pelo simples fato de colocar o problema (que sem a intuição da resposta não seria colocado) e de muitas vezes chegar a verdades (corroboradas freqüentemente pelo consenso) o homem tem capacidade, ao menos em princípio, de chegar à verdade, ainda que nem todas as formas de verdade tenham o mesmo valor.

“Só a previsão de poder chegar a uma resposta é que consegue induzi-lo a dar o primeiro passo. De fato, assim sucede normalmente na pesquisa científica. Quando o cientista, depois de ter uma intuição, se lança à procura da explicação lógica e empírica dum certo fenômeno, fá-lo porque tem a esperança, desde o início, de encontrar uma resposta, e não se dá por vencido com os insucessos. Nem considera inútil a intuição inicial, só porque não alcançou o seu objetivo; dirá antes, e justamente, que não encontrou ainda a resposta adequada.”. Mário Shemberg também dizia isso.

Mas nem todas as formas de verdade têm o mesmo valor

30) Das formas de verdade, o Papa faz uma rápida menção:

- **Verdades que se baseiam na evidência imediata ou recebem confirmação na experiência.** São as mais numerosas e estão na ordem da pesquisa em ciências naturais e na vida cotidiana.

- **Verdades de caráter filosófico** que o homem adquire através da capacidade especulativa do seu intelecto.

- **Verdades religiosas**, com raízes nas filosóficas, estão contidas nas respostas que as várias religiões dão às questões últimas.

31 a 35) Relação entre as verdades filosóficas e religiosas:

- Verdades filosóficas se referem também às “filosofias de vida” dos não - filósofos profissionais, pela qual o homem comum interpreta a sua vida e orienta o seu comportamento.

- Essa “filosofia de vida” é num primeiro momento herdada. Com o tempo, passam a ser avaliadas pela capacidade crítica do próprio pensamento (o que estamos fazendo neste momento). Entretanto, os conhecimentos simplesmente transmitidos (e cridos) são os mais numerosos (na sociedade de informação é impossível a crítica sistemática).

- Surge uma tensão: os conhecimentos adquiridos por crença apresentam-se mais imperfeitos, precisando ser aperfeiçoados pela evidência alcançada pela própria pessoa. Por outro lado, são mais ricos que a evidência, por que inclui relações interpessoais.

- Além disso, as verdades procuradas nesse contexto de relações interpessoais são de ordem primariamente vital, íntima, existencial, e não empíricas ou filosóficas, “De fato, a perfeição do homem não se reduz apenas à aquisição do conhecimento abstrato da verdade, mas consiste também numa relação viva de doação e fidelidade ao outro. Nesta fidelidade que leva à doação, o homem encontra plena certeza e segurança.” O testemunho dos mártires comunica de maneira eloqüente a adesão firme e resoluta à verdade, um amor totalmente sincero.

- Assim, a busca da verdade - co-natural ao homem - é alcançada não apenas pela via racional, mas por um abandono fiducial a outras pessoas que possam garantir a

certeza e a autenticidade da verdade. “A capacidade e a decisão de confiar o próprio ser e existência a outra pessoa constituem, sem dúvida, um dos actos antropológicamente mais significativos e expressivos.”

- O que a Igreja tem a oferecer: o conhecimento verdadeiro e coerente do Deus Uno e Trino, proveniente da sua revelação; superando, entretanto, o nível da **simples crença**: é um conhecimento que não é incompatível com o saber filosófico, uma vez que o Deus criador é também o Deus da história da salvação. As duas ordens de conhecimento levam à verdade na sua plenitude.

- Estabelecer a relação correta entre essas duas ordens de conhecimento é o objetivo do próximo capítulo.

## 5. CAPÍTULO IV: A RELAÇÃO ENTRE A FÉ E A RAZÃO

### 5.1. As etapas significativas do encontro entre a fé e a razão

36) Encontro do anúncio cristão com as correntes filosóficas do seu tempo: ex. discussão de S. Paulo no Aerópago (At, 17,18) com “filósofos epicuristas e estoicos”. “Certamente isso não se deu por acaso; os primeiros cristãos, para se fazerem compreender pelos pagãos, não podiam citar apenas « Moisés e os profetas » nos seus discursos, mas tinham de servir-se também do conhecimento natural de Deus e da voz da consciência moral de cada homem (cf. Rom 1, 19-21; 2, 14-15; Act 14, 16-17). Tenha-se em conta que a religião pagã havia se degenerado em idolatria e em cultos místicos; assim, S. Paulo achou mais prudente ligar o seu discurso ao pensamento dos filósofos, que tinham “conceitos mais respeitosos da transcendência divina” (O cientificismo/racionalismo parece estar mais próximo do cristianismo do que a macumba)

- O Papa reconhece o mérito da filosofia clássica no sentido de purificar de formas mitológicas a concepção que o homem tinha de Deus e da natureza: por exemplo, purificando a divinização das coisas da natureza proveniente do carácter politeísta da religião pagã. Além de tudo, “Foi nesta base que os Padres da Igreja instituíram um diálogo fecundo com os filósofos antigos, abrindo a estrada ao anúncio e à compreensão do Deus de Jesus Cristo.”

37) Por outro lado, já havia desde o início uma forte prevenção contra a gnose. “A filosofia, enquanto sabedoria prática e escola de vida, podia facilmente ser confundida com um conhecimento de tipo superior, esotérico, reservado a poucos iluminados. É, sem dúvida, a especulações esotéricas deste género que pensa S. Paulo, quando adverte os Colossenses: « Vede que ninguém vos engane com falsas e vãs filosofias, fundadas nas tradições humanas, nos elementos do mundo, e não em Cristo » (2, 8).” (New Age, seitas em geral)

- Isso é muito atual !! É um erro grave “subordinar a verdade da Revelação à interpretação dos filósofos.” Implicação: necessidade da interpretação colegial e dialógica da revelação (magistério). Luteranismo como forma de gnose, aplicado ao âmbito individual (gnose portátil).

38) Esse encontro do cristianismo com a filosofia não é algo assim tão simples, na medida em que

do ponto de vista existencial

-o anúncio cristão, por si só, é tão satisfatório para dar uma resposta à questão do sentido da vida que a filosofia não se mostrava essencial.

e social

-o anúncio da igualdade de todos os homens diante de Deus implicava que o acesso à verdade era um bem destinado a todos, superando o caráter elitista da filosofia.

"Isto é, hoje, ainda mais claro, se se pensa ao contributo dado pelo cristianismo, quando defende o acesso à verdade como um direito universal. Derrubadas as barreiras raciais, sociais e sexuais, o cristianismo tinha anunciado, desde as suas origens, a igualdade de todos os homens diante de Deus. A primeira consequência deste conceito registou-se no tema da verdade, ficando decididamente superado o caráter elitista que a sua busca tinha no pensamento dos antigos: se o acesso à verdade é um bem que permite chegar a Deus, todos devem estar em condições de poder percorrer esta estrada. As vias para chegar à verdade continuam a ser muitas; mas, dado que a verdade cristã tem valor salvífico, cada uma delas só pode ser percorrida se conduzir à meta final, ou seja, à revelação de Jesus Cristo."

- Entretanto, alguns autores dos primeiros séculos já defendiam o valor (e os múltiplos pontos de contato) do conhecimento filosófico como preâmbulo e na interpretação, sistematização e defesa com relação aos sofistas do cristianismo: "sebe e muro de vedação da vinha" (Clemente de Alexandria). Dois autores se destacam nesse fecundo diálogo: Clemente de Alexandria e S. Justino.

39) O Papa fala da evolução do conceito de teologia, desde a reflexão racional sobre a divindade (p. ex. Aristóteles) começando com apologias de Orígenes que utilizavam Platão até chegar "à reflexão que o crente realiza para exprimir a verdadeira doutrina acerca de Deus.", um significado totalmente novo para o termo; um pensamento que, servindo-se da filosofia, distinguia-se nitidamente desta; não sem uma crítica em aspectos incompatíveis com novos dados (em Platão p. ex.) da revelação etc.

40) Com relação a essa obra de cristianização do pensamento platônico, o Papa destaca o papel dos dos Padres Capadócijs (Gregório Magno, Nazianzeno, Atanásio), do Dionísio Aeropagita e de S. Agostinho; este último foi responsável pela elaboração da primeira grande síntese entre o pensamento filosófico e teológico

41) Destaca o papel dos Padres da Igreja no próprio desenvolvimento da filosofia, elevando-a de forma criteriosa às formas mais profundas de reflexão das realidades transcendentais, mesmo "explicitar plenamente aquilo que resultava ainda implícito e preliminar no pensamento dos grandes filósofos antigos."  
"Ultrapassando o fim mesmo para o qual inconscientemente tendia por força da sua natureza, a razão pôde alcançar o sumo bem e a suma verdade na pessoa do Verbo encarnado."

42) Comenta o papel de S. Anselmo, que estabelece novas relações entre fé e razão: razão para chegar à certeza da existência de Deus, mas não para explicitar os seus atributos; ainda, para ajudar a interpretar o conteúdo da fé, mas não para emitir um juízo sobre ele (ato de fé intelectual como uma das bases do ato de fé pp. dito).  
" Penso efectivamente que, quem investiga uma coisa incompreensível, se deve contentar de chegar, pela razão, a reconhecer com a máxima certeza a sua existência real, embora não seja capaz de penetrar, pela inteligência, o seu modo de ser (...). Aliás, que há de tão incompreensível e inefável como aquilo que está acima de tudo? Portanto, se aquilo de cuja essência suprema discutimos até agora, ficou estabelecido sobre razões necessárias, ainda que a inteligência não o possa penetrar de forma a conseguir traduzi-lo em palavras claras, nem por isso vacila minimamente o fundamento da sua certeza. "

“Confirma-se assim, uma vez mais, a harmonia fundamental entre o conhecimento filosófico e o conhecimento da fé: a fé requer que o seu objecto seja compreendido com a ajuda da razão; por sua vez a razão, no apogeu da sua indagação, admite como necessário aquilo que a fé apresenta.”

## 5.2. A novidade perene do pensamento de S. Tomás de Aquino

43) São Tomás ocupa um lugar absolutamente especial no diálogo entre fé e razão.

- Não só pela sua doutrina mas pela própria relação que ele conseguiu estabelecer com (toda) a filosofia oriental e ocidental com a teologia católica. Afirmou de maneira categórica, fundamentada e definitiva a harmonia intrínseca entre fé e razão.

- Reconheceu que a natureza (enquanto objeto próprio da filosofia) pode contribuir para a compreensão da revelação divina e a fé supõe um aperfeiçoamento da própria razão. A fé é um ato livre e ao mesmo tempo consciente (a fé possui racionalidade, pode ser estudada).

- “Precisamente por este motivo é que S. Tomás foi sempre proposto pela Igreja como mestre de pensamento e modelo quanto ao recto modo de fazer teologia”

- E cita Paulo VI: “« Sem dúvida, S. Tomás possuiu, no máximo grau, a coragem da verdade, a liberdade de espírito quando enfrentava os novos problemas, a honestidade intelectual de quem não admite a contaminação do cristianismo pela filosofia profana, mas tão pouco defende a rejeição apriorística desta. Por isso, passou à história do pensamento cristão como um pioneiro no novo caminho da filosofia e da cultura universal. O ponto central e como que a essência da solução que ele deu ao problema novamente posto da contraposição entre razão e fé, com a genialidade do seu intuito profético, foi o da conciliação entre a secularidade do mundo e a radicalidade do Evangelho, evitando, por um lado, aquela tendência anti-natural que nega o mundo e seus valores, mas, por outro, sem faltar às exigências supremas e inabaláveis da ordem sobrenatural ». (47)”

- (o Papa destaca ainda o papel do dom da sabedoria no conhecimento humano; sua filosofia pode ser vista como a da verdade do ser)

### 5.3. O drama da separação da fé e da razão

45) Quando surgiram as primeiras universidades, a teologia começou a relacionar-se com outras disciplinas, ainda que desde o início fossem reconhecidas as respectivas autonomias (absolutamente fundamental para ambas). Essa autonomia foi progressivamente transformando-se numa “nefasta separação”

- Com o surgimento do racionalismo, foi-se atingindo um pensamento absolutamente autônomo dos conteúdos da fé.

- Isso aconteceu na Baixa Idade Média, a partir da decadência da Escolástica, com o nominalismo do Guilherme de Ockham e Duns Scotto, passando por Descartes (no campo filosófico), pela *Devotio Moderna* (na teologia, Kempis, Huisbröeck, o Admirável, etc), o Luteranismo e o Calvinismo.

- E o Papa faz uma triste consideração, “Em resumo, tudo o que o pensamento patrístico e medieval tinha concebido e atuado como uma unidade profunda, geradora dum conhecimento capaz de chegar às formas mais altas da especulação, foi realmente destruído pelos sistemas que abraçaram a causa de um conhecimento racional, separado e alternativo da fé.”

46) Principalmente no ocidente, essa radicalização foi se intensificando, até chegar, no século passado, no seu apogeu.

- Por um lado, uma tentativa de racionalização absoluta da fé, tentado colocar em “estruturas dialécticas racionalmente compreensíveis” (Crítica das formas, Crítica da redação, modernismo, deísmo, Teillard de Chardin etc.)

- E por outro formas radicalizadas de humanismo ateu (Sartre, Estruturalismo, nacional socialismo, positivismo, o próprio marxismo, pan-sexualismo freudiano), apontando a fé como algo “prejudicial e alienante para o desenvolvimento pleno do uso da razão”. No fim, deram origem a sistemas ideológicos com estrutura *religiosa*, em sistemas totalitários extremamente traumáticos para a humanidade.

-“No âmbito da investigação científica, foi-se impondo uma mentalidade positivista, que não apenas se afastou de toda a referência à visão cristã do mundo, mas sobretudo deixou cair qualquer alusão à visão metafísica e moral.”

“Por causa disso, certos cientistas, privados de qualquer referimento ético, correm o risco de não manterem, ao centro do seu interesse, a pessoa e a globalidade da sua vida.”

“Mais, alguns deles, cientes das potencialidades contidas no progresso tecnológico, parecem ceder à lógica do mercado e ainda à tentação dum poder demiúrgico sobre a natureza e o próprio ser humano.”

(Necessidade de um empenho sério por parte dos cristãos na questão da bioética, que vai se configurando o mais grave flagelo da humanidade no próximo século.)

- A crise do racionalismo (é, não funciona.....) deu origem ao niilismo, a filosofia do nada. A pesquisa é um fim em si mesma, sem qualquer “pretensão” de chegar à

verdade, e a vida um contínuo experimentar de sensações passageiras. Não se deve assumir nenhum compromisso sério e definitivo ou que tudo é fugaz e provisório.

- Que levou à crise da própria filosofia; a contemplação da verdade e a busca do fim último e do sentido da vida é uma questão irrelevante. A racionalidade passa a ser orientada (ou ser a princípio orientável) a fins puramente utilitaristas, de prazer ou de poder.

- O Papa já apontava esse problema na sua primeira carta-encíclica (Redemptor Hominis), encontrando-se o homem ameaçado (alienado) pela própria parafernália tecnológica e social que desenvolveu sem saber qual é o seu fim reto: crimes contra a vida, direitos humanos, tortura, guerra nuclear, invasão da mídia norte-americana e destruição das culturas regionais, bolsões de pobreza por razões políticas e econômicas etc etc.

« O homem de hoje parece estar sempre ameaçado por aquilo mesmo que produz, ou seja, pelo resultado do trabalho das suas mãos e, ainda mais, pelo resultado do trabalho da sua inteligência e das tendências da sua vontade. Os frutos desta multiforme actividade do homem, com grande rapidez e de modo muitas vezes imprevisível, passam a ser não tanto objecto de "alienação", no sentido de que são simplesmente tirados àqueles que os produzem, como sobretudo (...) voltam-se contra o próprio homem (...). Nisto parece consistir o acto principal do drama da existência humana contemporânea, na sua dimensão mais ampla e universal. Assim, o homem vive mergulhado cada vez mais no medo. Teme que os seus produtos, naturalmente não todos nem a maior parte, mas alguns e precisamente aqueles que encerram uma especial porção da sua genialidade e da sua iniciativa, possam ser voltados de maneira radical contra si mesmo ». (53)

48) Faz entretanto uma ressalva, que em alguns casos, a própria filosofia levada a cabo por aqueles que contribuíram por aumentar a distância entre a fé e razão trazem consigo elementos que, se retamente desenvolvidos, podem fazer descobrir a própria verdade.

“profundas análises sobre a percepção e a experiência, a imaginação e o inconsciente, sobre a personalidade e a intersubjectividade, a liberdade e os valores, o tempo e a história.”

“Todavia isto não pode fazer esquecer a necessidade que a atual relação entre fé e razão tem de um cuidadoso esforço de discernimento, porque tanto a razão como a fé ficaram reciprocamente mais pobres e débeis.”

“ A razão, privada do contributo da Revelação, percorreu sendas marginais com o risco de perder de vista a sua meta final.”

“ A fé, privada da razão, pôs em maior evidência o sentimento e a experiência, correndo o risco de deixar de ser uma proposta universal. É ilusório pensar que, tendo pela frente uma razão débil, a fé goze de maior incidência; pelo contrário, cai no grave perigo de ser reduzida a um mito ou superstição.”

- E isso é muito sério, e muito atual!!!!

“À luz disto, creio justificado o meu apelo veemente e incisivo para que a fé e a filosofia recuperem aquela unidade profunda que as torna capazes de serem coerentes com a sua natureza, no respeito da recíproca autonomia. Ao desassombro da fé deve corresponder a audácia da razão.”

## 6. CAPÍTULO VI: INTERVENÇÕES DO MAGISTÉRIO EM MATÉRIA FILOSÓFICA

### 6.1. O discernimento do Magistério como diaconia da verdade

49. e ss. Neste item o papa aborda três questões:

#### 1) Possibilidade e responsabilidade de intervenção do Magistério em matéria filosófica

- “A Igreja não propõe uma filosofia própria, nem canoniza uma das correntes filosóficas em detrimento de outras. (54)”. A filosofia possui autonomia metodológica com relação à teologia e à verdade revelada: “caso contrário, não haveria garantia de permanecer orientada para a verdade, tendendo para a mesma através dum processo racionalmente controlável.” O que deve guiar a filosofia é a luz da razão, dado que esta está orientada naturalmente para a verdade, e dotada em si mesma dos meios para alcançá-la.

- Entretanto, a história do pensamento filosófico (sobretudo moderno) muitos erros podem ser apontados; não é função nem competência do Magistério intervir para corrigir as lacunas de discursos filosóficos carentes. Mas é sua clara obrigação apontar quando e quais teses filosóficas ameaçam a reta compreensão do dado revelado e quando difundem doutrinas falsas e sectárias, perturbando a fé do povo de Deus. “Indicar os pressupostos e as conclusões filosóficas que são incompatíveis com a verdade revelada”: “muitos conteúdos filosóficos — relativos, por exemplo, a Deus, ao homem, à sua liberdade e ao seu comportamento ético —, têm a ver diretamente com a Igreja, porque tocam na verdade revelada que ela guarda”

- 51. “tal discernimento não deve ser visto primariamente de forma negativa, como se a intenção do Magistério fosse eliminar ou reduzir qualquer possibilidade de mediação; ao contrário, as suas intervenções visam em primeiro lugar suscitar, promover e encorajar o pensamento filosófico”

Afinal, sendo a verdade uma só, múltiplas são as suas expressões historicamente influenciadas, obra da razão humana ferida pelo pecado original (fazer o quê?)

“Daqui se conclui que nenhuma forma histórica da filosofia pode, legitimamente, ter a pretensão de abraçar a totalidade da verdade ou de possuir a explicação cabal do ser humano, do mundo e da relação do homem com Deus.”

A ação do Magistério (nada simples) é assim de estímulo à reflexão e de discernimento crítico.

#### 2) História de intervenções do Magistério em matéria filosófica

52. Tomadas de posição do Magistério em relação a doutrinas que defendiam a preexistência das almas, “diversas formas de idolatria e esoterismo supersticioso, contidas em teses astrológicas; algumas teses do averroísmo latino....

- 2a. metade do sec. XIX: vários católicos sentiram a necessidade de contrapor filosofias próprias a diversas correntes do pensamento moderno, e foi necessário ao Magistério vigiar para que essas filosofias não se degenerassem em teses errôneas. Foi necessário assim que este censurasse dois extremos:

O fideísmo e o tradicionalismo radical, pela falta de confiança na razão natural

O Racionalismo e o ontologismo, atribuindo conhecimentos à razão natural que só podem ser alcançados pela luz da fé

53. As conclusões desse debate estão formalizadas na constit. dog. Dei Filius, do Conc. Vat. I.:

- são inseparáveis e ao mesmo tempo irreduzíveis entre si o conhecimento natural de Deus e a Revelação, a razão e a fé.
- cognoscibilidade natural da existência de Deus, princípio e fim de todas as coisas
- distinção entre os mistérios da fé e as conclusões filosóficas, e ainda a transcendência e precedência daqueles sobre estas; (c/ racionalismo)
- corroborar a unidade da verdade e também o contributo positivo que o conhecimento racional pode, e deve, dar para o conhecimento da fé (c/ fideísmo)

54. Manifestações do Magistério contra o modernismo (Pio X), a filosofia marxista, o comunismo ateu (Pio XI) (66,67)

- Pio XII, na encíclica *Humani generis*, prevenia ainda contra interpretações errôneas do depósito revelado a partir de teses do evolucionismo, existencialismo e do historicismo. É interessante notar como o a intervenção do Magistério de faz de maneira muito cautelosa com relação a essas teses, exortando antes ao exame crítico do que à rejeição liminar.” « Ora, estas tendências, que se afastam em medida desigual da recta via, não podem ser ignoradas ou transcuradas pelos filósofos e teólogos católicos, que têm o grave dever de defender a verdade divina e humana, e de fazê-la penetrar na mente dos homens. Pelo contrário, devem conhecer bem estas opiniões, quer porque as doenças não podem ser curadas, se primeiro não são bem conhecidas, quer porque algumas vezes mesmo nas afirmações falsas se esconde um pouco de verdade, quer finalmente porque os próprios erros forçam a nossa mente a investigar e a perscrutar, com maior diligência, certas verdades filosóficas e teológicas ». (69)”

- Sagrada Congregação da Doutrina da Fé, sublinhava ainda a assunção acrítica de teses e metodologias marxistas por parte de teólogos da libertação.

55. Hoje em dia, tratam-se de questões que não interessam a grupos ou indivíduos isolados, mas de convicções generalizadas no ambiente social, mentalidade comum. Por exemplo, a desconfiança radical da própria razão, que deve contentar-se com tarefas modestas - como a mera interpretação dos fatos, ou sobre pontos específicos do saber humano ou das suas estruturas (pensiero debole)

- Teologia contemporânea também tem mostrado desvios ao racionalismo, principalmente por falta de seriedade científica e competência filosófica pura e simples.

- Problema do fideísmo, que não reconhece a importância do conhecimento racional e do discurso filosófico na compreensão da fé; tendência desta é o **biblicismo** fazendo a leitura da sagrada escritura e eventualmente sua exegese o único referencial da verdade.

“a Sagrada Escritura não constitui, para a Igreja, a sua única referência; a « regra suprema da sua fé » (75) provém efectivamente da unidade que o Espírito estabeleceu entre a Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja, numa reciprocidade tal que os três não podem subsistir de maneira independente. (76)”

- problema muito atual. É importante ter em conta que a a exegese da S. Escr. deveria levar à compreensão do sentido pleno dos textos, mas isso só é possível se essa exegese for ampla, utilizando várias metodologias: o que só é possível em união e através da Igreja.

- Outras formas de fideísmo: pouca consideração à teologia especulativa, desprezo pela filosofia clássica “de cujas noções provieram os termos para exprimir tanto a compreensão da fé como as próprias formulações dogmáticas.”

- O Papa termina esse item com uma exortação: que os filósofos (que têm amor à verdade e à sabedoria) cristãos ou não, que tenham confiança nas “nas capacidades da razão humana e a não prefixarem metas demasiado modestas à sua investigação filosófica.”

“não perder a paixão pela verdade última, nem o anseio de pesquisa, unidos à audácia de descobrir novos percursos.”

“É a fé que incita a razão a sair de qualquer isolamento e a abraçar de bom grado qualquer risco por tudo o que é belo, bom e verdadeiro. Deste modo, a fé torna-se advogada convicta e convincente da razão.”

## 6.2. Solicitude da Igreja pela filosofia

57 e 59. A Igreja não se limita entretanto a simplesmente destacar os erros filosóficos de diversas escolas que são incompatíveis com a fé cristã: procura também confirmar alguns princípios filosóficos e mesmo caminhos concretos de pesquisa, que podem levar a renovações fecundas do pensamento.

- Destaca a importância histórica da Encíclica Aeterni Patris de Leão XIII (primeiro documento pontifício dedicado inteiramente à filosofia), sobre a contribuição imprescindível do pensamento filosófico na ciência teológica. Destaca-se ao valor incomparável da doutrina de S. Tomás “S. Tomás, escrevia ele, « ao mesmo tempo que, como é devido, distingue perfeitamente a fé da razão, une-as a ambas com laços de amizade recíproca: conserva os direitos próprios de cada uma e salvaguarda a sua dignidade ». (79)”

- O Papa comenta as felizes consequências que teve a publicação dessa encíclica, com o surgimento de vários pensadores cristãos que fizeram progressos importantes na compreensão da doutrina de S. Tomás e nas discussões filosóficas daquele tempo. Foram eles ainda, em grande medida, que forneceram a base filosófica para o próprio Vat. II.

- E fez-se filosofia original de grande qualidade intelectual, que do ponto de vista epistemológico nada ficam a dever ao idealismo, por exemplo a fenomenologia.

60. Importância da contribuição própria do Vat. II; o Papa destaca um dos capítulos da constituição Gaudium et spes, “uma espécie de compendio de teologia bíblica:

- valor da pessoa humana criada à imagem de Deus

- indicam-se os motivos da sua dignidade e superioridade relativamente ao resto da criação

- mostra-se a capacidade transcendente da sua razão. (80)

- o problema do ateísmo e denunciam-se, juntamente com suas causas, os erros desta visão filosófica, sobretudo no que diz respeito à dignidade inalienável da pessoa e da sua liberdade. (81)

- Ponto culminante: mistério do Verbo encarnado.

- O Papa destaca ainda recomendações relacionadas ao estudo da teologia nos seminários, mas que são aplicáveis a toda educação cristã:

“« As disciplinas filosóficas sejam ensinadas de forma que os alunos possam adquirir, antes de mais, um conhecimento sólido e coerente do homem, do mundo e de Deus, apoiados num património filosófico perenemente válido, tendo em conta as investigações filosóficas dos tempos actuais »(83)”

“a importância desta formação filosófica para todos os que, um dia, terão de enfrentar, na vida pastoral (não estritamente), as questões do mundo actual e individualizar as causas de determinados comportamentos, a fim de lhes dar pronta resposta. (84)”  
 Afinal, é para isso que estamos aqui estudando essas coisas !!! Para entender por que as pessoas agem da maneira que agem, e possamos ajudá-las eficazmente.

61 e 62. O Papa lamenta por outro lado a falta de solicitude em muitas escolas católicas de colocarem em prática as diretrizes do magistério (descaso pela escolástica e mesmo pela filosofia em geral). Aponta ainda causas concretas dessa decadência:

- a própria falta geral de confiança na razão
- uma má interpretação (enquanto desprezo da filosofia) da exortação do concílio no aprofundamento nas « ciências humanas »
- A questão da “inculturação da fé”, com uma sobre-valorização, desacompanhada do devido estudo filosófico, de costumes regionais (missa afro e tudo mais).

63. Conclui o capítulo afirmando “o grande interesse que a Igreja tem pela filosofia; ou melhor, a ligação íntima do trabalho teológico com a investigação filosófica da verdade”

“A minha missão é propor alguns princípios e pontos de referência, que considero necessários para se poder instaurar uma relação harmoniosa e eficaz entre a teologia e a filosofia. À luz deles, será possível discernir com maior clareza se e como deve a teologia relacionar-se com os diversos sistemas ou asserções filosóficas que o mundo actual apresenta.”

## 7. CAPÍTULO VII: INTERACÇÃO DA TEOLOGIA COM A FILOSOFIA

### 7.1. A ciência da fé e as exigências da razão filosófica

64. O Papa pretende indicar algumas funções próprias da teologia onde se exige um recurso ao pensamento filosófico.

65. A teologia - enquanto ciência da fé - está organizada segundo dois princípios:

**auditus fidei:** recolhe os conteúdos da revelação que foram se explicitando progressivamente na S. Escr., na Tradição e no Magistério.

A filosofia auxilia o *auditus fidei* examinando a terminologia - a linguagem que reflete a tradição filosófica específica em que os mestres de teologia e o Magistério exprimiram as suas reflexões e sentenças.

**intellectus fidei:** procura responder às exigências próprias do pensamento, através da reflexão especulativa. Explicita ao crente a Verdade Divina da Revelação, chegando este a conhecer a história da salvação, a pessoa de Jesus Cristo e seu mistério pascal.

### 7.2. Perspectivas de desenvolvimento da ciência teológica

66. **Teologia dogmática:** deve articular, de modo narrativo ou argumentativo, através de expressões conceituais universalmente aceites:

O sentido universal do mistério de Deus, Uno e Trino, e da economia da salvação

A linguagem sobre Deus

As relações pessoais no seio da Santíssima Trindade

A acção criadora de Deus no mundo

A relação entre Deus e o homem

A identidade de Cristo que é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Diversos temas da teologia moral: com conceitos como lei moral, consciência, liberdade, responsabilidade pessoal, culpa, etc., cuja definição provém da ética filosófica.

“Por isso, é necessário que a razão do crente tenha um conhecimento natural, verdadeiro e coerente das coisas criadas, do mundo e do homem, que são também objecto da revelação divina; mais ainda, ela deve ser capaz de articular este conhecimento de maneira conceptual e argumentativa. Assim, a teologia dogmática especulativa pressupõe e implica uma filosofia do homem, do mundo e, mais radicalmente, do próprio ser, fundada sobre a verdade objectiva.”

67. A **teologia fundamental**, pelo seu próprio carácter de disciplina que tem por função dar razão da fé (cf. 1 Ped 3, 15), deverá procurar justificar e explicitar a relação entre a fé e a reflexão filosófica.

“quando a teologia fundamental estuda a Revelação e a sua credibilidade com o relativo acto de fé, deverá mostrar como emergem, à luz do conhecimento pela fé, algumas verdades que a razão, autonomamente, já encontra ao longo do seu caminho de pesquisa. A essas verdades, a Revelação confere-lhes plenitude de sentido”

A teologia natural leva ao

conhecimento natural de Deus

credibilidade da revelação divina

à capacidade que tem a linguagem humana de falar, de modo significativo e

verdadeiro, mesmo do que ultrapassa a experiência humana

“Por todas estas verdades, a mente é levada a reconhecer a existência duma via realmente propedêutica à fé, que pode desembocar no acolhimento da Revelação, sem faltar minimamente aos seus próprios princípios e autonomia. (90)”

“Da mesma forma, a teologia fundamental deverá manifestar a compatibilidade intrínseca entre a fé e a sua exigência essencial de se explicitar através de uma razão capaz de dar com plena liberdade o seu consentimento”

68. “A **teologia moral** tem, possivelmente, uma necessidade ainda maior do contributo filosófico. Na Nova Aliança, a vida humana está efectivamente muito menos regulada por prescrições do que na Antiga. A vida no Espírito conduz os crentes a uma liberdade e responsabilidade que ultrapassam a própria Lei.”

“No entanto, o Evangelho e os escritos apostólicos não deixam de propor ora princípios gerais de conduta cristã, ora ensinamentos e preceitos específicos; para aplicá-los às circunstâncias concretas da vida individual e social, o cristão tem necessidade de valer-se plenamente da sua consciência e da força do seu raciocínio”

A filosofia deve assim fornecer à teologia moral uma visão correta da natureza humana, individual e social, assim como dos princípios de moralidade geral das ações.

69. (O Papa discute a proposição de que a teologia deveria recorrer a substratos culturais e filosóficos menos eurocênticos/gregos, atendo-se preferencialmente sobre as ciências experimentais ou a história.)

70. (e a relação do Cristianismo com a queda de barreiras interculturais, promovendo a unidade do gênero humano em Cristo.)

71. Começa a discorrer sobre as relações entre o homem e a cultura.

“Também o modo como os cristãos vivem a fé, está imbuído da cultura do ambiente circundante, e vai progressivamente contribuindo, por sua vez, para modelar as características do mesmo. Os cristãos transmitem, a cada cultura, a verdade imutável que Deus revelou na história e na cultura dum povo.”

- Isso é o espírito da Obra, santificação no próprio ambiente do próprio ambiente. E além de tudo, os que aderem à fé não deixam de conservar a própria identidade cultural, nem provocam divisões “pois o povo dos batizados distingue-se por uma universalidade que é capaz de acolher todas as culturas, fazendo com que aquilo que nelas está implícito se desenvolva até à sua explanação plena na verdade.”

- conclusão: “uma cultura nunca pode servir de critério de juízo e, menos ainda, de critério último de verdade a respeito da revelação de Deus”; nem obriga que culturas percam a sua identidade; é antes uma forma real de libertação da desordem introduzida pelo pecado, e uma chamada à verdade plena.

72. Historicamente, o encontro cultural primordial do cristianismo foi com a filosofia grega. Até aí tudo bem, mas isso não impede que ele se relacione - e se enriqueça - em contato com outras culturas (Índia, China, Japão, África...), desde que se tenha em conta que as necessidades existenciais do espírito humano são as mesmas, independentemente da cultura, e que nesse encontro a Igreja não pode deixar de lado o patrimônio cultural que adquiriu pela inculturação do pensamento greco-latino. (isso é providência de Deus, que conduz a igreja pelos caminhos da história) (Em terceiro lugar, há-de precaver-se por não confundir a legítima reivindicação de especificidade e originalidade do pensamento indiano, com a idéia de que uma tradição cultural deve enclausurar-se na sua diferença e afirmar-se pela sua oposição às outras tradições — idéia essa que seria contrária precisamente à natureza do espírito humano.)

### 7.3. Diferentes estados da filosofia

75 e 76. Existem vários estados possíveis da filosofia com relação à fé cristã: **1o.**, antes do nascimento de Cristo e em lugares em que ainda não se deu a evangelização. Apesar das limitações congênitas da razão humana para penetrar na verdade, a autonomia da filosofia enquanto reflexão natural deve ser fomentada; ao menos implicitamente, esta busca da verdade no âmbito natural estará aberta ao âmbito sobrenatural.: “Com efeito, a argumentação conduzida segundo rigorosos critérios racionais é garantia para a obtenção de resultados universalmente válidos. Também aqui se verifica o princípio segundo o qual a graça não destrói, mas aperfeiçoa a natureza: a anuência de fé, que envolve a inteligência e a vontade, não destrói mas aperfeiçoa o livre arbítrio do crente, que acolhe em si próprio o dado revelado.”

- Isso é diferente da rejeição apriorística da revelação, como certas correntes da filosofia moderna.

**2o.** Filosofia Cristã: não enquanto uma filosofia oficial da Igreja, mas uma reflexão filosófica concebida em união vital com a fé. Comenta então dois aspectos da filosofia cristã:

1- purificação da razão, libertando-a da presunção; assim pode ainda o filósofo cristão enfrentar questões que seriam muito mais difíceis de resolver sem os dados da revelação “aos problemas do mal e do sofrimento, à identidade pessoal de Deus e à questão acerca do sentido da vida, ou, mais diretamente, à pergunta metafísica radical: « Porque existe o ser? ».”

2- introdução de dados objetivos sem os quais nada se poderia inferir com relação a diversos assuntos:

Deus pessoal, livre e criador, a realidade do pecado, enquadrar adequadamente o problema do mal, “concepção da pessoa como ser espiritual é uma originalidade peculiar da fé: o anúncio cristão da dignidade, igualdade e liberdade dos homens influiu seguramente sobre a reflexão filosófica, realizada pelos filósofos modernos.”

**30.** A própria teologia: “Na verdade, a teologia sempre teve, e continua a ter, necessidade da contribuição filosófica. Realizado pela razão crítica à luz da fé, o trabalho teológico pressupõe e exige, ao longo de toda a sua pesquisa, uma razão conceptual e argumentativamente educada e formada. Além disso, a teologia precisa da filosofia como interlocutora, para verificar a inteligibilidade e a verdade universal das suas afirmações. Não foi por acaso que os Padres da Igreja e os teólogos medievais assumiram, para tal função explicativa, filosofias não cristãs.”

“Se o teólogo se recusasse a utilizar a filosofia, arriscar-se-ia a fazer filosofia sem o saber e a fechar-se em estruturas de pensamento pouco idôneas à compreensão da fé. Se o filósofo, por sua vez, excluísse todo o contato com a teologia, ver-se-ia na obrigação de apoderar-se por conta própria dos conteúdos da fé cristã, como aconteceu com alguns filósofos modernos. Tanto num caso como noutro, surgiria o perigo da destruição dos princípios básicos de autonomia que cada ciência justamente quer ver garantidos.”

78. Com base no que foi dito acima é que o Papa reitera o valor de São Tomás, não enquanto proposto com filosofia oficial, mas mostrar S. Tomás como modelo de busca da verdade: “a exigência da razão e a força da fé encontraram a síntese mais elevada que o pensamento jamais alcançou”.

O Papa finaliza o capítulo novamente com uma exortação à elaboração de uma filosofia que esteja em harmonia com a palavra de Deus, “um terreno de encontro entre as culturas e a fé cristã, o espaço de entendimento entre crentes e não crentes.” S. Agostinho: “« Crer, nada mais é senão pensar consentindo [...]. Todo o que crê, pensa; crendo pensa, e pensando crê [...]. A fé, se não for pensada, nada é ». (95) Mais: « Se se tira o assentimento, tira-se a fé, pois, sem o assentimento, realmente não se crê ». (96)”

## **8. CAPÍTULO VIII: EXIGÊNCIAS E TAREFAS ATUAIS**

### **8.1. As exigências irrenunciáveis da palavra de Deus**

( 80. Função da Sagrada Escritura:

- Situa o homem como é diante de Deus, sentido de sua dependência.
- Coloca a existência do mal moral, derivado da vontade humana livre, e não de deficiências da natureza.
- Propõe o problema do sentido da vida, apontando Cristo como aquele que realiza em plenitude a existência humana e que pode dar sentido à existência do homem, do mundo e de Deus. )

### **8.2. Crise de sentido e orientação ética das realidades humanas**

81. Do ponto de vista da nossa situação atual

- Atravessamos uma **crise de sentido** sobre a vida e sobre o mundo, sob muitos pontos de vista
- Ploriferação de pontos de vista levando à fragmentação do saber:” É precisamente isto que torna difícil e freqüentemente vã a procura de um sentido. E, mais dramático ainda, neste emaranhado de dados e de fatos, em que se vive e que parece constituir a própria trama da existência, **tantos se interrogam se ainda**

**tem sentido pôr-se a questão do sentido.** A pluralidade das teorias que se disputam a resposta, ou os diversos modos de ver e interpretar o mundo e a vida do homem não fazem senão agravar esta dúvida radical, que facilmente desemboca num estado de cepticismo e indiferença ou nas diversas expressões do niilismo.”

- Privando razão da questão do sentido da existência (e fechando-se dentro dos limites da própria imanência), esta fica relegada da funções meramente instrumentais, sem ser uma autêntica paixão da busca pela verdade.
- O que deve fazer então a filosofia?: “que a filosofia volte a encontrar a sua dimensão sapiencial de procura do sentido último e global da vida. (...) Deste modo, ela não será apenas aquela instância crítica decisiva que indica, às várias partes do saber científico seus fundamentos e seus limites, mas representará também a instância última de unificação do saber e do agir humano, levando-os a convergirem para um fim e um sentido definitivos. Esta **dimensão sapiencial** é ainda mais indispensável hoje, uma vez que o imenso crescimento do poder técnico da humanidade requer uma renovada e viva consciência dos valores últimos. Se viesse a faltar a estes meios técnicos a sua orientação para um fim não meramente utilitarista, poderiam rapidamente revelar-se desumanos e transformar-se mesmo em potenciais destrutores do género humano.” (Redemptor Hominis, J.P.II)
- O Papa aponta ainda outras exigências de uma filosofia:(2) afirmar a **possibilidade do conhecimento objetivo** no homem, inclusive no campo teológico e (3) **tenha alcance metafísico, universal**: “desejo somente afirmar que a realidade e a verdade transcendem o elemento factível e empírico, e quero reivindicar a capacidade que o homem possui de conhecer esta dimensão transcendente e metafísica de forma verdadeira e certa, mesmo se imperfeita e analógica.”
- Passar do fenómeno ao fundamento: chegar, pela reflexão filosófica, aos fundamentos mais básicos da natureza do homem, de sua dignidade e identidade pessoal; somente a partir desses fundamentos é possível estabelecer uma ética consistente.
- “Se insisto tanto na componente metafísica, é porque estou convencido de que este é o caminho obrigatório para superar a situação de crise que aflige atualmente grandes setores da filosofia e, desta forma, corrigir alguns comportamentos errados, difusos na nossa sociedade.”

84. “A importância da instância metafísica torna-se ainda mais evidente, quando se considera o progresso atual das ciências hermenêuticas e das diferentes análises da linguagem. Os resultados alcançados por estes estudos podem ser muito úteis para a compreensão da fé, enquanto manifestam a estrutura do nosso pensar e falar, e o sentido presente na linguagem.”

“Existem, porém, especialistas destas ciências que tendem, nas suas pesquisas, a deter-se no modo como se compreende e exprime a realidade, prescindindo de verificar a possibilidade da razão descobrir a essência da mesma.”

### 8.3. Algumas correntes filosóficas contemporâneas: ecletismo, cientificismo, pragmatismo, historicismo, nihilismo.

86.” perigo que se esconde em algumas correntes de pensamento, hoje particularmente difusas. Embora brevemente, considero oportuno deter-me sobre elas, para pôr em relevo os seus erros e consequentes riscos para a actividade filosófica.”

**Ecletismo:**” assumir ideias tomadas isoladamente de distintas filosofias, sem se preocupar com a sua coerência e conexão sistemática, nem com o seu contexto histórico.”

**consequência:** “Deste modo, a pessoa fica impossibilitada de discernir entre a parte de verdade dum pensamento e aquilo que nele pode ser errado ou inadequado.”

**solução:** “O estudo rigoroso e profundo das doutrinas filosóficas, da linguagem que lhes é peculiar, e do contexto onde surgiram, ajuda a superar os riscos do ecletismo e permite uma adequada integração daquelas na argumentação teológica.”

O ecletismo é de fato um erro de método, mas pode esconder também teses historicistas: tese fundamental é estabelecer uma “filosofia base” a partir da qual se interpreta um determinado período da história: “Deste modo nega-se, pelo menos implicitamente, a validade perene da verdade. O que era verdade numa época, afirma o historicista, pode já não sê-lo noutra. “

“Em resumo, a história do pensamento, para ele, reduz-se a uma espécie de achado arqueológico, a que recorre a fim de pôr em evidência posições do passado, em grande parte já superadas e sem significado para o tempo presente. Ora, apesar de a formulação estar de certo modo ligada ao tempo e à cultura, deve-se considerar que a verdade ou o erro nela expressos podem ser, não obstante a distância espaço-temporal, reconhecidos e avaliados como tais.”

Na reflexão teológica, o historicismo apresenta-se na forma de um modernismo: adapta-se o discurso filosófico/teológico, com o intuito de deixar mais acessível ao homem contemporâneo, a termos filosóficos mais recentes, descuidando exigências críticas que à luz da razão deveriam ser colocadas: trocar a atualidade pela verdade.

88. **Cientificismo:** “recusa-se a admitir, como válidas, formas de conhecimento distintas daquelas que são próprias das ciências positivas, relegando para o âmbito da pura imaginação tanto o conhecimento religioso e teológico, como o saber ético e estético.”

No passado, positivismo e neo-positivismo

“vemo-las agora renascer sob as novas vestes do cientificismo. Na sua perspectiva, os valores são reduzidos a simples produtos da emotividade, e a noção de ser é posta de lado para dar lugar ao fato puro e simples.”

“A ciência, prepara-se assim para dominar todos os aspectos da existência humana, através do progresso tecnológico.”

“Os sucessos inegáveis no âmbito da pesquisa científica e da tecnologia contemporânea contribuiram para a difusão da mentalidade cientificista, que parece não conhecer fronteiras, quando vemos como penetrou nas diversas culturas e as mudanças radicais que aí provocou.”

“tudo o que se refere à questão do sentido da vida como fazendo parte do domínio do irracional ou da fantasia.”

“ Ainda mais decepcionante é a perspectiva apresentada por esta corrente de pensamento a respeito dos outros grandes problemas da filosofia que, quando não passam simplesmente ignorados, são analisados com base em analogias superficiais, destituídas de fundamentação racional.”

A falta de atitude crítica do cientificismo, prescindindo de uma correta avaliação ética, fez com que muitos aceitassem que todo aquilo tecnicamente viável é, por isso mesmo, moralmente admissível.

89. pragmatismo "atitude mental própria de quem, ao fazer as suas opções, exclui o recurso a reflexões abstractas ou a avaliações fundadas sobre princípios éticos." Por exemplo, uma democracia que estabelece normas de conduta fundamentadas apenas no consenso, sem valer-se de asserções de carácter axiológico. Reduzem-se as grandes decisões morais do homem a deliberações dos burocratas;

estabelece-se ainda, do ponto de vista antropológico uma visão unidimensional do homem, excluído de antemão do âmbito das decisões sociais os dilemas éticos e questões existenciais do sentido da vida, da morte, do sacrifício, do amor.

90. De um modo geral, todas essas concepções estão inseridas num horizonte mais amplo do nihilismo: "rejeição de qualquer fundamento e simultaneamente a negação de toda a verdade objectiva."; antes mesmo de apresentar propriamente uma incompatibilidade com as exigências da palavra de Deus, o nihilismo é a negação da humanidade do homem, e também da sua identidade.

"o olvido do ser implica inevitavelmente a perda de contacto com a verdade objectiva e, conseqüentemente, com o fundamento sobre o qual se apoia a dignidade do homem."; a própria liberdade, centelha divina no homem, não tem sentido: resta a ambição de poder ou o desespero da solidão.

91. O Papa não pretende fazer uma análise sistemática do fenómeno completo, e além disso destaca o enriquecimento sobre a herança filosófica que se levou a cabo recentemente:" a lógica, a filosofia da linguagem, a epistemologia, a filosofia da natureza, a antropologia, a análise profunda das vias afectivas do conhecimento, a perspectiva existencial aplicada à análise da liberdade."

Enfim,

"De algum modo, este nihilismo encontra confirmação na terrível experiência do mal que caracterizou a nossa época. O otimismo racionalista que via na história o avanço vitorioso da razão, fonte de felicidade e de liberdade, não pôde resistir face à dramaticidade de tal experiência, a ponto de uma das maiores ameaças, neste final de século, ser a tentação do desespero.

Verdade é que uma certa mentalidade positivista continua a defender a ilusão de que, graças às conquistas científicas e técnicas, o homem, como se fosse um demiurgo, poderá chegar por si mesmo a garantir o domínio total do seu destino."

#### **8.4. Tarefas atuais da teologia**

O Papa aponta neste item diversas questões que convém à teologia aprofundar-se: exegese do texto bíblico. Por exemplo com relação aos evangelhos, "Evangelhos, a sua verdade não se reduz seguramente à narração de simples acontecimentos históricos ou à revelação de fatos neutros, como pretendia o positivismo historicista. (111) Pelo contrário, esses textos expõem acontecimentos, cuja verdade está para além da mera ocorrência histórica: está no seu significado para e dentro da história da salvação."

ainda, com relação ao problema do historicismo, como chegar a conclusões de carácter absoluto contanto com textos bíblicos historicamente circunscritos?

O mesmo estendendo-se às definições do magistério

Necessidade de uma ética metafísica, pressupondo uma antropologia filosófica.

Utilidade da reflexão filosófica no estabelecimento de vínculos entre a doutrina da Igreja e a vida dos crentes, cujo cenário principal é a catequese.

## 9. CONCLUSÃO

100. mais de 100 anos depois da Aeterni Patris de Leão XIII, “É óbvia a importância que o pensamento filosófico tem no progresso das culturas e na orientação dos comportamentos pessoais e sociais.”

E nas diversas disciplinas teológicas.

“Por estes motivos, considere justo e necessário sublinhar o valor que a filosofia tem para a compreensão da fé, e as limitações em que aquela se vê, quando esquece ou rejeita as verdades da Revelação”

101. Se é conveniente assim que a teologia recupere sua relação com a filosofia, “é conveniente para o bem e o progresso do pensamento que também a filosofia recupere a sua relação com a teologia.

“Nesta, encontrará não a reflexão dum mero indivíduo, que, embora profunda e rica, sempre traz consigo as limitações de perspectiva próprias do pensamento de um só, mas a riqueza dum reflexão comum. De facto, quando indaga sobre a verdade, a teologia, por sua natureza, é sustentada pela nota da eclesialidade (123) e pela tradição do Povo de Deus, com sua riqueza multiforme de conhecimentos e de culturas na unidade da fé.”

102. No anúncio, por parte da Igreja, da mensagem evangélica e da dignidade da pessoa humana,

“não existe, hoje, preparação mais urgente do que esta: levar os homens à descoberta da sua capacidade de conhecer a verdade (124) e do seu anseio pelo sentido último e definitivo da existência.”

104. Muitas vezes, o pensamento filosófico é um dos únicos terrenos de entendimento e diálogo com quem não partilha a nossa fé; devem os filósofos crentes empenhar-se em “individuar as expectativas, possibilidades e problemáticas deste momento histórico.”

“Discorrendo à luz da razão e segundo as suas regras, o filósofo cristão, sempre guiado naturalmente pela leitura superior que lhe vem da palavra de Deus, pode criar uma reflexão que seja compreensível e sensata mesmo para quem ainda não possua a verdade plena que a revelação divina manifesta.”

E a maior importância tem esse diálogo em diversas questões que são urgentes com relação a toda humanidade: o problema ecológico, a paz e convivência das raças e das culturas, abordados em colaboração de cristãos e não-cristãos lado a lado.

“Concílio Vaticano II: « Por nossa parte, o desejo de um tal diálogo, guiado apenas pelo amor pela verdade e com a necessária prudência, não exclui ninguém: nem aqueles que cultivam os altos valores do espírito humano, sem ainda conhecerem o seu Autor, nem aqueles que se opõem à Igreja e, de várias maneiras, a perseguem ». (126)”

105 e segs. O Papa dirige o seu apelo, aos teólogos, filósofos, cientistas...

A todos exorta a se debruçarem profundamente sobre o homem, salvo pelo amor de Cristo, e sobre a sua busca de verdade e de sentido.

106. Faz ainda uma analogia entre a vocação da Bem Aventurada Virgem Maria e a vocação da filosofia genuína: “E como Maria, ao prestar o seu consentimento ao anúncio de Gabriel, nada perdeu da sua verdadeira humanidade e liberdade, assim também o pensamento filosófico, quando acolhe a interpelação que recebe da verdade do Evangelho, nada perde da sua autonomia, antes vê toda a sua indagação elevada à mais alta realização.”

“Que a Sede da Sabedoria seja o porto seguro para quantos consagram a sua vida à procura da sabedoria! O caminho para a sabedoria, fim último e autêntico de todo o verdadeiro saber, possa ver-se livre de qualquer obstáculo por intercessão d'Aquela que, depois de gerar a Verdade e tê-la conservado no seu coração, comunicou-a para sempre à humanidade inteira.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 14 de Setembro — Festa da Exaltação da Santa Cruz — de 1998, vigésimo ano de Pontificado.”